



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL

**CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS – LICENCIATURA**

GRAZIELE EDUARDO NASCIMENTO SILVA

**OS SUJEITOS E A HISTÓRIA: DO ACAMPAMENTO AO ASSENTAMENTO
LIBERTAÇÃO CAMPONESA DE ORTIGUEIRA/PR**

LARANJEIRAS DO SUL

2018

GRAZIELE EDUARDO NASCIMENTO SILVA

**OS SUJEITOS E A HISTÓRIA: DO ACAMPAMENTO AO ASSENTAMENTO
LIBERTAÇÃO CAMPONESA DE ORTIGUEIRA/PR**

Trabalho de conclusão de curso – (TCC) elaborado pela acadêmica Grazielle Eduardo Nascimento Silva, sob orientação do professor Fabio Pontarolo, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, no ano de 2018.

LARANJEIRAS DO SUL

2018

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Silva, Grazielle Eduardo Nascimento

Os sujeitos e a História: do acampamento ao
assentamento Libertação Camponesa de Ortigueira/PR/
Grazielle Eduardo Nascimento Silva. -- 2018.

52 f.:il.

Orientador: Fabio Pontarolo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Interdisciplinar em educação do campo: Ciências sociais
e humanas , Laranjeiras do Sul, PR, 2018.

1. Acampamento. 2. Assentamento. 3. Sujeitos. 4.
Protagonismo. 5. Acesso à terra. I. Pontarolo, Fabio,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.



GRAZIELE EDUARDO NASCIMENTO SILVA

**OS SUJEITOS E A HISTÓRIA: DO ACAMPAMENTO AO
ASSENTAMENTO LIBERTAÇÃO CAMPONESA DE ORTIGUEIRA/PR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus Laranjeiras do Sul*.

Orientador: Prof. Me. Fabio Pontarolo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

06 / 06 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Fabio Pontarolo

Prof. Dr. Fábio Luiz Zeneratti

Prof.ª Dra. Fernanda Marcon

Dedico este trabalho a minha família, pois esta é a prova que o sonho pode se tornar realidade, e que todos somos capazes de chegar até aqui.

Dedico a todos que participarão da elaboração e da construção do mesmo, fazendo com que a sua realização fosse possível.

E ao meu orientador por toda paciência, apoio, colaboração e ajuda, por acreditar em mim e no meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pai e todo poderoso por ter sido meu consolo, esperança e fortaleza, por estar sempre ao meu lado, pois nunca me abandonaste, proporcionando discernimento, capacidade, esperança, amor e paciência. Sempre sendo meu melhor amigo nos momentos difíceis e em todos os momentos de minha vida. Obrigada Maria, minha mãezinha do céu que sempre passou na frente em minha vida intercedendo por mim.

Dedico esta conquista a minha família, por me proporcionarem esta oportunidade. Pai o senhor se lembra quando eu e os meus irmãos éramos crianças e quando chovia não tínhamos como ir a aula o que o senhor fazia? Nos colocava para estudar em casa. Mãe, lembra nos momentos difíceis que sempre sentava conosco e falava, “meus filhos estudem para ter uma vida melhor”. Pai lembra quando o senhor nos falava “meus filhos estudem, pois, o estudo é a única coisa que ninguém pode tirar de vocês”. Mãe lembra que sempre usava seu exemplo de vida para nos motivar a estudar e querer uma vida diferente da que tínhamos? pois é graças a vocês este momento está acontecendo em nossas vidas, costumo dizer que este sonho não é só meu mais nosso, de toda a nossa família que sempre sonhou com este dia, afinal eu serei a primeira de casa a se formar na universidade, vocês que me auxiliaram para chegar até a realização dele, obrigada por serem minha base, meus exemplos, por me darem conselhos nos momentos difíceis, por serem minha fortaleza, e por me mostrar que vale a pena sim lutar pelos meus objetivos, mas sem perder o meu caráter, minha essência, tudo que fui, sou e vier a ser é graças a vocês, que fizeram o possível e muitas vezes o que não podiam por mim, pelos meus irmãos, para que tivéssemos o melhor. Meu eterno agradecimento, meu muito obrigada por estarem sempre comigo, ajudando a vencer os obstáculos e conquistar meus sonhos pois este será o primeiro de muitos, o sonho de se formar em uma universidade pública, eu amo vocês pai, mãe, irmã e meu irmão.

Meu muito obrigada a você meu namorado por sempre estar ao meu lado, me dando força, me apoiando desde o primeiro dia desta luta, e principalmente agora no final dela, vencendo sempre ao meu lado, comigo, suportando a distância e as dificuldades que vem com ela, obrigada pela paciência, pelas ajudas e por existir em minha vida, te amo.

Muito obrigada aos meus amigos e companheiros da Turma Ângelo Kretã e a todos os professores da UFFS, que me proporcionaram muito conhecimento e aprendizagem no decorrer destes quatro anos e meio, pode ter certeza que levarei cada um de vocês em meu coração, e vocês também fazem parte desta conquista, pois muitos desistiram no caminhar,

por vários motivos em particular, mas a cada um que desistia, deixava um pouquinho de si em nós.

As minhas amigas especiais, irmãs que a universidade me proporcionou, minhas companheiras de quarto, sem vocês este caminho se tornaria mais árduo, foi com vocês que desabei, me reergui, desabafei, falei aquilo que pensava, fui ouvida, me deram conselhos, compartilhamos momentos, choramos, sorrimos, crescemos e aprendemos, meu muito obrigada de coração.

Meus sinceros agradecimentos a todos os familiares que me deram apoio e força, especialmente meus tios que sempre me acolheram em vossa casa para que eu pudesse ir as etapas, a todas as pessoas que participaram deste trabalho em especial meu orientador, e as pessoas que cederam parte do seu tempo e permitiram que eu as entrevistasse, para que este trabalho se tornasse realidade: a todos que acreditaram em mim e me ajudaram para a construção e realização deste trabalho.

Meu muitíssimo obrigada de coração a todos.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende investigar o processo histórico de formação do Assentamento Libertação Camponesa, localizado no município de Ortigueira, no Estado do Paraná. Utilizando a metodologia da história oral, para compreender como o assentamento foi construído através dos sujeitos que fizeram parte de sua formação. Contextualizando o surgimento do Assentamento Libertação Camponesa, partimos do princípio de que o mesmo está vinculado às lutas dos povos do campo sem-terra, os quais tiveram o direito e o acesso à terra negados, e só passaram a ter acesso à terra na região por meio de suas lutas. Com as entrevistas realizadas com três camponeses que estiveram no processo de luta e conquista do assentamento em questão desde o tempo em que o mesmo foi iniciado ainda como acampamento, realizaremos um resgate histórico, retratando o protagonismo dos sujeitos na luta pela reforma agrária e a importância do Assentamento Libertação Camponesa para as famílias que residem no local e para o município de Ortigueira, no Paraná.

Palavras-chaves: Acampamento; Assentamento; Sujeitos; Protagonismo; Acesso à terra.

ABSTRACT

The present work of course completion intends to investigate the historical process of formation of the Campamento Liberation Settlement, located in the municipality of Ortigueira, in the State of Paraná. Using the methodology of oral history, to understand how the settlement was built through the subjects that were part of its formation. Contextualizing the emergence of the Peasant Liberation Settlement, we assume that it is linked to the struggles of landless people, who have had the right and access to land denied, and only have access to land in the region by middle of their struggles. Through interviews with three peasants who have been involved in the struggle and conquest of the settlement in question since the time it was started as a camp, we will carry out a historical rescue, portraying the protagonism of the subjects in the struggle for agrarian reform and the importance of the Peasant Liberation Settlement for the families who live in the place and for the municipality of Ortigueira, Paraná.

Keywords: Camp; Settlement; Subjects; Protagonism; Access to land.

LISTA DE SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

PA - Projetos de Assentamento.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

LISTA DE FIGURAS

Mapa 1: Localização do município de Ortigueira no Estado do Paraná.....	16
Figura 2: Comunidades Rurais no Município de Ortigueira-PR.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FORMAÇÃO TERRITORIAL E HISTÓRICA DE ORTIGUEIRA.....	15
2.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO E MUNICIPALIZAÇÃO DO MINICÍPIO DE ORTIGUEIRA.....	15
3A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA.....	24
4 DE ACAMPAMENTO À ASSENTAMENTO LIBERTAÇÃO CAMPONESA: HISTÓRIAS DE VIDAS DOS SUJEITOS CONSTRUTORES DA HISTÓRIA.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
APÊNDICE.....	51
ANEXO.....	52

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar como foi o processo da construção histórica, social e econômica desde o início da construção e do surgimento do acampamento até a conquista da terra do Assentamento Libertação Camponesa, localizado no município de Ortigueira, no estado do Paraná. Conhecendo como se iniciou o processo de discussão e construção do acampamento, os processos de luta desenvolvidos para a conquista do território até a formação do assentamento em questão.

Recuperando dados que se perderam com o passar dos anos do assentamento, realizamos entrevistas para lembrar o surgimento do acampamento, bem como o número de famílias que foram acampadas e posteriormente assentadas. Também nos interessa investigar como ocorreu a divisão das terras, a partir das entrevistas realizadas com os primeiros moradores a respeito da escolha e da distribuição dos lotes do assentamento, o dia em que as famílias acampadas conquistam a terra que passa a ser sustento de toda a sua família. A conquista daquele espaço que passou a ser seu pedaço de chão será discutida, bem como a escolha da nomenclatura do Assentamento Libertação Camponesa, e como foi realizada essa escolha pelos camponeses, e de que maneira ocorreu o processo de transferência de acampamento para assentamento.

Acreditamos que não exista um território sem história, e que o conhecimento dessa história pelos sujeitos que ali residem se faz necessário. O processo de luta e conquista de um território expropriado pela propriedade privada e pelo capital ocorre de uma maneira tão sofrida no Brasil, sendo este um país com muita riqueza e de grande extensão territorial, que para se conquistar o direito ao acesso à terra que todos nós cidadãos temos, é preciso lutar muito. Não existem políticas públicas eficazes que permitam o acesso à terra sem ser por meio de compra, sendo a terra, vista como mercadoria, em um país com tamanha desigualdade social, e onde há poucos com muito e muitos com tão pouco, ou sem nada.

A conquista dos territórios que na atualidade formam o Assentamento Libertação Camponesa em Ortigueira partiu de três fazendas, denominadas Renato e Ricardo Simões, Transparaná e Santa Paula. O processo não ocorreu sem ser pelo esforço, sofrimento, muita luta e resistência das famílias, dos camponeses que ali acamparam buscando seu direito, lutando por condições melhores e dignas para criar seus filhos para produzir seus alimentos e sustento, sejam agricultores ou filhos de agricultores que trabalhavam nas fábricas, lojas, hortas, construções civil, como posseiros, meeiros, arrendatários etc. O maior sonho dessa

população expropriada da terra era ter um lugar para se chamar de seu, uma terra para produzir o seu sustento e criar sua família.

O acampamento foi a única forma encontrada para as famílias que lutaram e conquistaram a terra, pois por meio do dinheiro, os mesmos sabiam que não haveria condição de conquistar esse objetivo. Os impedimentos eram muitos, seja pelo preço da terra, seja pela falta de políticas públicas, não restando outra forma para as famílias se não acampar e ocupar, e assim lutar por aquilo que acredita para a sobrevivência, resistindo em meio às dificuldades encontradas com todas as forças, pois este foi o único meio que encontraram. Mesmo assim, após a conquista da terra no assentamento, por vários motivos muitos abandonaram seu sonho, indo para outros lugares e acabando por vender o direito à terra por eles conquistado.

Eu e minha família residimos neste assentamento, no entanto não fomos acampados e posteriormente assentados, não participamos do processo de construção, luta e conquista da terra. Nós adquirimos o lote através da compra do direito, a treze anos atrás, deixo claro que esta forma é ilegal, a compra e venda de lotes, no entanto esta foi a condição encontrada por minha família para ter acesso à terra, que em área de assentamento se torna mais barata. A compra e venda de lotes por mais que ocorra de maneira ilegal, ocorre com frequência no Assentamento Libertação Camponesa.

Como minha família é reassentada, não participamos e por este motivo desconhecemos a história deste assentamento, o que me leva a pesquisar sobre o mesmo, visto que se tem poucos trabalhos desenvolvidos sobre o assentamento, trabalhos estes que só obtive acesso durante o período de elaboração do mesmo.

Dessa forma, para atingir nossos objetivos, dividimos esse trabalho em três partes. No segundo capítulo iremos discutir como iniciou o processo de formação territorial do município de Ortigueira, sua localização, compreendendo o processo de formação do Assentamento Libertação Camponesa no município em questão a partir da história de Ortigueira. No terceiro capítulo será apresentada e discutida a metodologia utilizada para a realização da coleta de dados, denominada de História Oral. Por fim, no quarto capítulo apresentamos as entrevistas que realizamos para discutir, a partir delas, o processo de formação do acampamento e depois do assentamento Libertação Camponesa.

2. FORMAÇÃO TERRITORIAL E HISTÓRICA DE ORTIGUEIRA

Neste capítulo discutimos como iniciou o processo de formação territorial do município de Ortigueira, buscando compreender o seu processo de formação desde a chegada dos denominados ‘pioneiros’, depois passando a discutir o processo de municipalização e sua principal fonte de renda. Compreendendo a sua dinâmica agrária entenderemos como e porque se formou o Assentamento Liberdade Camponesa no município em questão. Analisamos o processo histórico que deu origem ao município de Ortigueira possui uma dinâmica social e econômica. Por ser tratar de um município rural, o mesmo tem como principal fonte de economia a agricultura.

2.1 O processo de criação e municipalização do município de Ortigueira

O Assentamento Liberdade Camponesa está localizado no município de Ortigueira, no estado do Paraná. O assentamento em questão é situado ao norte do município, a 60 km de distância da sede municipal. Iniciamos o capítulo em questão trazendo o levantamento histórico do município de Ortigueira para que possamos conhecer como surgiu este município, passando a compreender o surgimento e a importância do Assentamento Liberdade Camponesa.

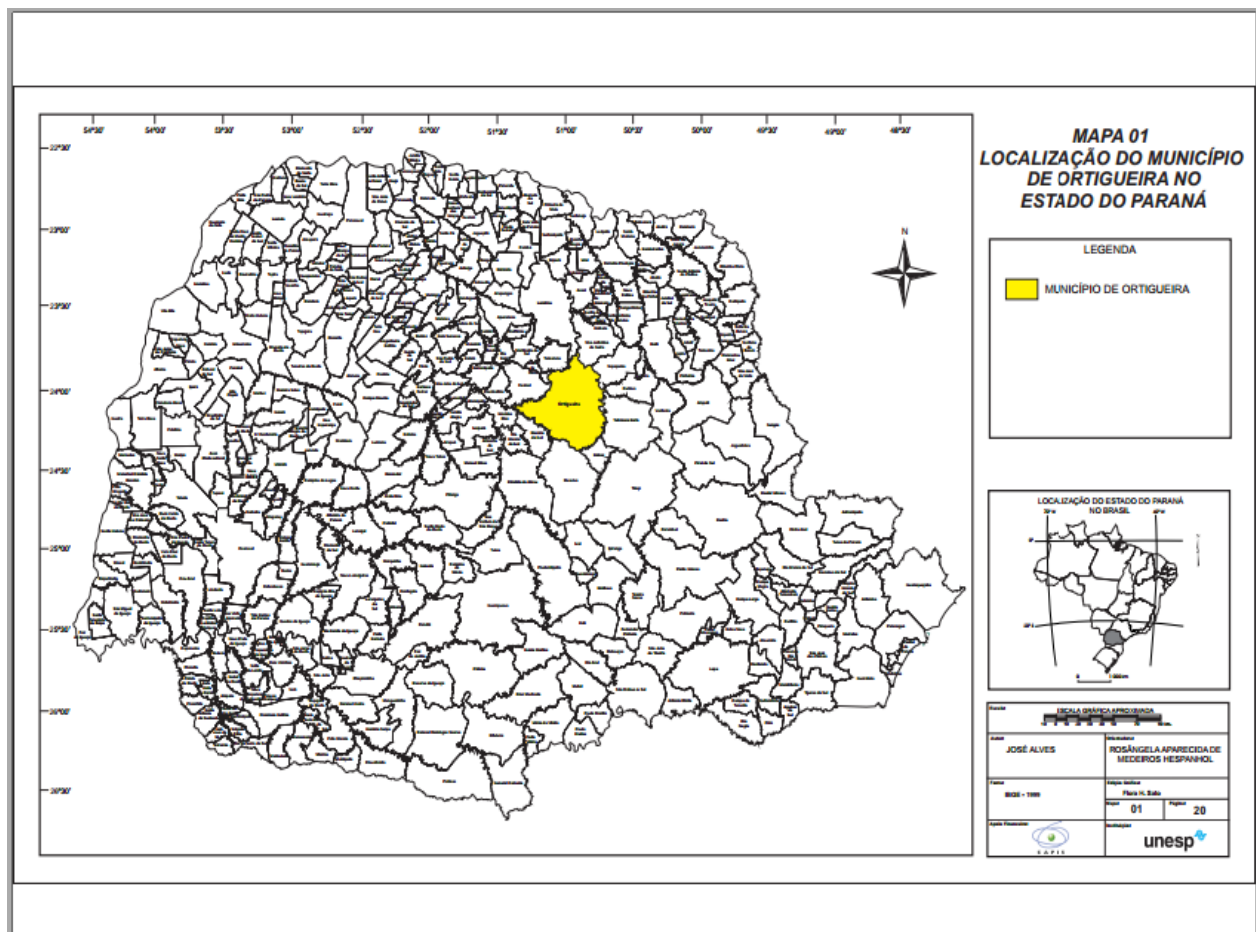
O município de Ortigueira, “está localizado na posição geográfica de 24°20’ de latitude Sul e 50°44’ de longitude Oeste, na Mesorregião Geográfica Centro Oriental Paranaense.” (ALVES, 2004, p.19), estando localizado na região dos Campos Gerais paranaense, devido à sua localização o clima predominante é subtropical, sendo o município de Ortigueira o terceiro maior município paranaense territorial, contendo uma área territorial de 2.451,6km²¹, como podemos observar no mapa de número 01 a seguir.

O município em questão está a 247 km da capital paranaense Curitiba, 135 km de Londrina e 135 km de Ponta Grossa. Possui uma topografia fortemente ondulada, com solo podzólico vermelho escuro e vermelho amarelado, cambissolo e solos litólicos. Ortigueira faz divisa com os municípios de Tamarana, São Jerônimo da Serra e Sapopema ao norte, ao sul

¹ Dados retirados do site municipal, tendo como fonte o IBGE, acessado em 20/09/2017. <http://www.ortigueira.pr.gov.br>.

faz divisa com os municípios de Reserva, Imbaú e Telêmaco Borba, ao leste com o município de Curiúva e ao Oeste com os municípios de Faxinal, Rosário do Ivaí e Mauá da Serra.²

Mapa 1: Localização do município de Ortigueira no Estado do Paraná



Fonte: ALVES (2004, p.20).

O processo de ocupação dos Campos Gerais se concretizou pela ocupação da região de Tibagi,³ com a criação de gado, constando relatos dos primeiros latifúndios por volta de 1780 nessa região. Tibagi surge oficialmente como um povoado em 1846, em uma região que servia de apoio aos tropeiros, os quais faziam paradas nas invernadas em torno do povoado de Tibagi para a alimentação do gado das tropas que seguiam rumo a Sorocaba pelo caminho de Viamão (ALVES, 2004, p.40).

² Dados retirados do site da prefeitura municipal 28/09/2017, cujo a fonte é o IBGE. Segue endereço eletrônico do mesmo. <http://www.ortigueira.pr.gov.br>

³ O município de Ortigueira antes da municipalização era um distrito administrativo que pertencia ao município de Tibagi.

O município de Ortigueira foi ocupado pelos primeiros posseiros em torno de 1900, sendo eles os senhores, Adolfo Alves de Souza, Domiciano Cordeiro dos Santos e Marcílio Rodrigues de Almeida, oriundos do Distrito de Socavão, localizado no Município de Castro/PR. Ao chegarem no território que daria origem ao município de Ortigueira, se instalaram em um morro chamado de Monjolinho, formando um pequeno Povoado nessa região, em terras pertencentes nessa época ao Município de Tibagi/PR. De Monjolinho, dois deles seguiram em frente, até atingirem às margens de um rio, que denominaram de Formigas, rio este que é o responsável pelo abastecimento de água na sede municipal atualmente.

A travessia entre Monjolinho e o rio era difícil, por causa de um taquaral seco existente nessa região, que os levou a queimá-lo, devastando uma área que corresponde a aproximadamente 300 alqueires de terra. Em 1905, os posseiros resolveram plantar feijão nas queimadas realizadas por eles, e devido à fertilidade da terra virgem, realizaram uma boa colheita. Nestas terras chegaram novas famílias, nascendo a vila de Queimadas, que recebera esta nomenclatura até 1939, quando passa a ser denominada de Ortigueira. Alves (2004) retrata como foi o desenvolvimento da vila de queimadas:

Como se constata, até as duas primeiras décadas do século XX, o povoamento do espaço que se constituiria o município de Ortigueira (até então denominado de vila de Queimadas), apresentava uma ocupação bastante dispersa. A partir da década de 1920, o povoado começa a se estruturar: em 1921, a vila de Queimadas foi elevada à categoria de Distrito Judiciário; em 1929 começaram a transitar caminhões até a localidade, pois, de automóvel se poderia ir de Ponta Grossa à Tibagi, mas desta cidade ao Distrito de Queimadas, o transporte tinha que ser feito de carroça. Daí em diante, para o chamado “sertão”, partiam tropas que chegavam até Faxinal de São Sebastião.(ALVES, 2004, p.58).

Com a Lei Estadual nº 2030, de 12 de março de 1921, passa a ser criado o Distrito Judiciário de Queimadas, pertencente ao Município de Tibagi Paraná. Ao se tornar Distrito Administrativo em 1943, do Município de Tibagi. Em 1939 Queimadas passa a ser denominada de Ortigueira, a origem desta nomenclatura é pela existência da planta nomeada de Urtiga existente na região em grande quantidade até mesmo pela queimada realizada pelos pioneiros. Foi realizada a troca da nomenclatura de queimadas para Ortigueira porque no Estado da Bahia já havia uma localidade com o nome de Queimadas. Em 14 de novembro de 1951, através da Lei Estadual nº 790 Ortigueira é municipalizada, com o seu território desmembrado do município de Tibagi e do município de Reserva, passando a se tornar município no dia 14 de dezembro de 1952.⁴

⁴ Dados com fonte do IBGE, retirado do site municipal em 28/09/2017. <http://www.ortigueira.pr.gov.br>.

Ortigueira por ser um distrito considerado um dos mais populoso, passou a despertar o interesse das lideranças políticas para a sua elevação à município. A constituição territorial de Ortigueira se deu, a partir da ação das elites locais que ao defenderem sua emancipação política de Tibagi, assegurou-lhe sua inserção, na esfera político-administrativa. (ALVES, 2004, p.62).

A política desde os primórdios do município de Ortigueira é marcada através da posse de grandes fazendas, demonstrando o poder que os fazendeiros exerciam no município desde a primeira eleição para prefeito e vereadores, que foi realizada no mesmo ano em que foi municipalizado, sendo o primeiro Prefeito Municipal, o Sr. Francisco Sady de Brito, dono de uma grande fazenda pertencente ao município.

É importante enfatizar que apesar de citar os nomes a cima como os pioneiros, é de extrema importância colocar que o território em questão era pertencente aos indígenas de etnia Caingangue, das aldeias de Mococa e Queimadas, que atualmente se localizam no município de Ortigueira. A área entre os rios Ivaí e Tibagi, entre os municípios de Tibagi e Reserva, é onde se localiza o município de Ortigueira. Esta vasta área começa a ser ocupada, pelos indígenas de etnia caingangue, nas duas primeiras décadas de 1900. (ALVES, 2004, p.41).

O aumento da população de Ortigueira está ligado ao preço das terras no norte pioneiro e ao baixo preço das terras nas regiões dos Campos Gerais. No norte pioneiro do Paraná, com o plantio do café, ocorreu o aumento nos preços das terras, a população excedente desta região, sendo estes parceiros, arrendatários e colonos que, não tendo acesso à terra nessa região, devido ao elevado preço, passaram a buscar outras regiões de valores menores no estado. Muitas dessas famílias passam a procurar por terras nos Campos Gerais, em especial no município de Ortigueira, pois o preço da terra nesta região era de menor valor em vista do norte pioneiro. O pesquisador Alves (2004) nos conta o que acarretou o processo de ocupação do município de Ortigueira:

Quanto ao processo de ocupação do referido município, este possibilitou a concentração fundiária por meio da grilagem de terras, gerando vários latifúndios, bem como, uma significativa produção familiar, exercida por posseiros, além da atuação dos safristas, por meio do sistema de safras – criação de suínos de forma caipira. (ALVES, 2004, p.32)

No município de Ortigueira havia muitos safristas cujo interesse e objetivos dos mesmos, era a posse da terra para nela engordar os porcos, porcos estes criados entre meio a safras de maneira caipira, sendo está a principal fonte de renda deste distrito, após município de Ortigueira. Alves (2204) nos conta como ocorria a criação dos porcos pelos safristas:

A criação de porcos – o porco caipira –, foi realizada em quase todo o município de Ortigueira. Neste sistema, o safrista desenvolvia a exploração mista da terra possuada, cultivando o solo para a produção de milho, concomitante com o cultivo de produtos para subsistência (a roça), como o arroz e feijão, sendo que quando estivesse próximo da colheita, os porcos (corte magro) eram soltos na roça, lá ficando até engordarem e se obter o porco tipo banha. (ALVES, 2004, p.64).

Através da safra de porcos e de gado em menor escala, Ortigueira adquiriu um avanço econômico. A posse da terra “foi por meio das safras que grandes áreas de terras devolutas do Estado foram posseadas/griladas no município de Ortigueira” (ALVES, 2004, p.67). O objetivo dos posseiros era de manter uma agricultura de subsistência para a sua família, ou seja, tirar o sustento e o da sua família através da agricultura, e o objetivo dos sujeitos que grilavam as terras que viam a mesma como reserva de valor, esperando o momento adequado, em que a terra poderia ser comercializada, transformada em renda. Os grileiros a transformavam em mercadoria e posteriormente em renda. Assim, dá-se a ocupação do município de Ortigueira, cujo acesso à terra se dá por meio de posse, diferenciando-se do norte pioneiro, em que o acesso à terra ocorria por meio de compra.

Como a posse era a forma em que os safristas, posseiros e grileiros obtêm acesso à terra nesta localidade, os conflitos nelas eram constantes entre os grileiros, safristas e os posseiros. Os grileiros buscando sempre a acumulação da terra para transformá-la em mercadoria, agiam utilizando a força, por meio da contratação de jagunços, expulsando os posseiros e os safristas de suas terras empossadas, ou mantinham os posseiros e safristas trabalhando em suas posses, cobrando deles o uso da terra, caso não fosse pago o que eles pediam, os mesmos eram expulsos da terra. No entanto, é importante enfatizar que as terras griladas não eram somente as dos posseiros e dos safristas, como também as terras devolutas do estado. A ocupação das terras no município em questão não ocorreu de maneira específica, primeiros os posseiros depois os safristas e após os grileiros, ocorrendo todas as formas de ocupação da terra no mesmo período.

Assim, na análise do processo de ocupação de Ortigueira, presencia-se no avanço da frente de expansão, tanto a ocupação das terras por posseiros, como por grileiros que agiam expropriando-os e ocupando terras devolutas do Estado. Este processo de grilagem de terras não ocorreu de forma linear, ou seja, as terras sendo ocupadas primeiramente pelos posseiros e, em seguida, tendo a ação dos grileiros. Embora isso tenha ocorrido, também se verifica que tal processo ocorreu concomitantemente em duas fretes. Tanto a grilagem de terras dos posseiros, como a grilagem de terras devolutas do Estado, sem que a mesma fosse ocupada. (ALVES, 2004, p.69).

Por meio desta concentração fundiária existente no município de Ortigueira, com a grilagem de terra que deram origens aos grandes latifúndios, podemos compreender como se originaram as antigas fazendas que antes de se tornar assentamento tinham como

predominante a criação de gado de corte. Com as lutas dos trabalhadores rurais sem terra tornou-se o Assentamento Libertação Camponesa, assentamento este que até a atualidade é cercado de fazendas, nas quais o que predominava antes era a criação do gado de corte e, atualmente, predomina o cultivo de eucalipto.

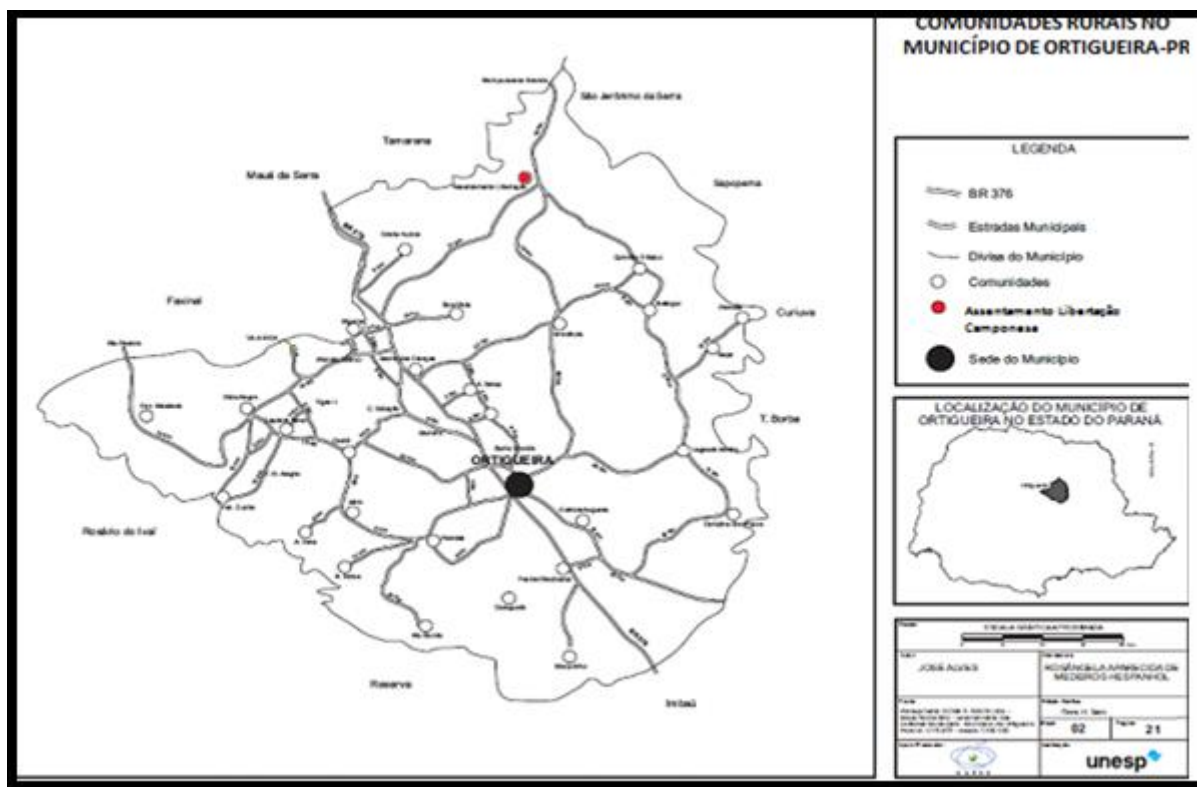
A ocupação original do Assentamento Libertação Camponesa ocorreu em três fazendas denominadas Renato e Ricardo Simões, Transparaná e Santa Paula, sendo a maior delas Renato e Ricardo Simões conhecida como RR, sendo o assentamento reconhecido na atualidade como antiga fazenda RR, ambas as fazendas foram conquistadas por meio de conflitos entre posseiros, safristas que praticavam a agricultura de subsistência e grileiros que buscavam a aquisição dessas áreas mediante a força através de expulsão destes agricultores (ALVES, 2013, p.37). Nesse sentido,

(...) ao entender a forma como se deu a territorialização deste município, percebe-se que as grandes propriedades atuais são heranças do modo como foram ocupadas as terras desta área, pois a disputa de terras que culminou na expropriação de posseiros deu início a uma composição da estrutura fundiária agrária altamente concentradora. (ALVES, 2013, p.32).

O município em questão apesar de ter a maioria de sua população na área rural, sendo o terceiro maior município em extensão território do Paraná, concentra grandes fazendas em sua formação. E por este motivo também está presente assentamentos. Segundo informações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) o município de Ortigueira conta com sete assentamentos, sendo eles o Projeto de Assentamento (PA) Imbauzinho (com 30 famílias), PA Volta Grande/Estrela (com três famílias), PA Fazenda Estrela (com 23 famílias), PA Libertação Camponesa (com 378 famílias), PA Padre Josino (com 10 famílias), PA Índio Galdino (com 36 famílias), além do próprio PA Iraci Salete Strozak (com 35 famílias), através da informação citadas a cima podemos observar que o Assentamento Libertação Camponesa é o maior assentamento do município de Ortigueira, contendo o maior número de famílias assentadas.⁵ No município em questão se encontra o Acampamento Maila Sabrina, localizado nas fazendas Brasileira e Brasileirinha, com aproximadamente 430 famílias acampadas. Podemos observar na figura 2 o município de Ortigueira e suas comunidades rurais com destaque em vermelho a localização do Assentamento Libertação Camponesa.

⁵ Dados retirados do site do INCRA em 28/09/2017. <http://www.incra.gov.br/pr>.

Figura 2: Comunidades Rurais no Município de Ortigueira-PR



Fonte: ALVES, 2004, p.20 adaptado por ALVES, 2013 p.40.

Ortigueira tem sido nos últimos anos alvo da atuação de movimentos de luta pela terra, como o MST, e, a maioria destas fazendas ocupadas geralmente se reproduz economicamente pela criação de gado, mas em relação a grande quantidade de terras e o reduzido número de cabeças de gado, podem ser consideradas como terras improdutivas que se mantêm como reserva de valor, pois o gado tem a finalidade de apenas demonstrar alguma atividade e “maquiar” que está cumprindo a função social da terra (ALVES, 2013, p.36).

Sendo esta a verdadeira origem do município de Ortigueira, fazendas maquiadas com a criação de gado, fazendas muitas vezes com terra griladas, e com terra devoluta do estado, terras essas que deveriam ser utilizadas para realmente ocorrer reforma agrária, mas que, no entanto, não são utilizadas para essa finalidade, sendo utilizadas pelos latifundiários para atribuir valor até serem conquistadas por “usocapião”. Atualmente os movimentos de luta pela terra não está tão atuante no município, contendo somente um acampamento como citado na página anterior, acampamento este do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Ortigueira atualmente conta com 23.308 habitantes, (IPARDES, 2017, p.12)⁶ sendo 9.587 habitantes que correspondem a população urbana, habitantes do sexo masculino 4.729 e 4.858 habitantes do sexo feminino sendo 41% da população correspondente a população urbana. A população rural tem o total de 13.793 habitantes sendo 7.349 habitantes do sexo masculino e 6.444 habitantes do sexo feminino, sendo 59% da população correspondente a população rural (IPARDES, 2017, p.13)⁷. O município de Ortigueira atualmente conta com cinco distritos administrativos sendo eles, Briolândia, Bairro dos Franças, Lajeado Bonito, Monjolinho e Natingui.

Ortigueira por ser um município com a economia e a população voltada principalmente a área rural o predominante é a agricultura, pecuária e apicultura, com poucas indústrias sendo essas voltadas a cerâmica, celulose e serrarias, o pedágio existente no município é uma das principais fonte de empregos, a principal fonte de emprego do município é a prefeitura, através de cargos públicos existentes, bem como a área comercial voltadas na maioria das vezes para o trabalho familiar, gerando pouco emprego para a população municipal:

No que se refere a economia há a predominância da agricultura, agropecuária, apicultura e cerâmica, com destaque para o cultivo de soja, milho e feijão. Na pecuária há a bovinocultura e a apicultura. A cidade conta com indústrias de cerâmica, papel e serrarias (BOLONHEZI, 2017, p.98).

De alguns anos até a atualidade o município vem sofrendo influencia com o cultivo de eucaliptos e pinos, o famoso deserto verde que está dominando muitas fazendas existentes no município, como também se observa ao redor do assentamento, pode-se observar que alguns assentados e camponeses também passaram a cultivar os mesmos, no entanto na atualidade com menor frequência, sendo somente mantidos os que já foram plantados.

O cultivo de pinos e eucalipto foi e ainda é uma fonte de emprego para os assentados que passam a trabalhar como bóia fria, em troca de diárias, nas fazendas vizinhas do assentamento, onde realizam trabalhos como plantação adubação, coroamento, passando veneno, desgalhando e até mesmo derrubando, cortando e banqueando, pinos e eucalipto. Observa que na maioria das vezes são jovens que para ter seu próprio dinheiro passam a

⁶ FONTE: IBGE. Dados divulgados pela fonte, em 30 de agosto de 2016. Segundo o caderno IPARDES do ano de 2017.

⁷ A diferença no número de habitantes sendo o citado anteriormente 23.308 e o segundo 23.380 pois os dados da população urbana e rural tem como fonte os dados do IBGE do Censo Demográfico de 2010 e o anterior de 2016.

procurar empregos temporários sem nem uma garantia e segurança, sendo essa a fonte de renda de muitas famílias assentadas no Assentamento Libertação Camponesa.

3. A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização desta monografia é a de História Oral. Mais o que seria História Oral? Muito se fala sobre história oral atualmente, mais pouco se sabe sobre essa metodologia de trabalho. Muitos a vê como meras histórias contadas pelas pessoas de mais idade, outros como apenas mais um instrumento metodológico e poucos a veem como ciência. Meihy e Ribeiro (2011) enfatizam:

A história oral se mostra como possibilidade a cada dia mais considerada e desenvolvida por diferentes grupos que buscam entendimento de seu papel ou espaço social. Isso determina o direito de todos os segmentos de fazerem a própria trajetória. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.47).

A História Oral se relaciona a entrevistas com pessoas ou grupos sociais sobre um determinado tema, no caso deste trabalho sobre a História do Assentamento Liberdade Camponesa. Com a transcrição das entrevistas realizadas e a análise dos dados, se transformando em documento e assim em ciência, Meihy e Ribeiro em (2011) afirmam “Uma das características originais dos projetos de história oral é a sua capacidade de gerar documentos novos.” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.15). E este é um dos objetivos deste trabalho.

O objetivo da história oral então é levantar histórias, pelas quais não se tem documentos, ou poucos materiais produzidos, o mesmo ocorre com o Assentamento Liberdade Camponesa, aonde este trabalho foi realizado, dessa forma, a metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho, não poderia ser outra, se não a história oral por se tratar de um resgate histórico. Como pode-se observar no texto de Meihy e Ribeiro (2011):

Reafirma-se assim o principal preceito da história oral, a colaboração. A valorização do indivíduo e de seu grupo, sua consideração como personagens da vida coletiva tendem a produzir respeito cidadão, pois, afinal, todos participam do coletivo e por eles se explicam, ou dele divergem (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.47).

O principal objeto utilizado em história oral é as entrevistas, com sujeitos de um determinado lugar, que presenciou ou presencia sobre determinado assunto que vai ser pesquisado, que possam testemunhar sobre acontecimentos históricos, instituições, culturas, modos de vida, conjunturas entre muitos outros aspectos e assuntos, já ocorrentes a fim de esclarecer e trazer compreensão na atualidade. Entrevistas são: “[...]como encontros planejados, gravados por diferentes mídias, decorrentes de projeto, exercitado de maneira

dialógica, ou seja, com perguntas/estímulos e respostas.”(MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.12) desta maneira serão as entrevistas a base da produção e análise deste material.

A entrevista de história oral pode ser aberta para os sujeitos falar o que considera importante para além das questões feitas pelo narrador, se for entrevista de história oral de vida sem dúvida será aberta, ou pode se realizar entrevista de história oral fechada que ocorre somente com as questões feitas pelo narrador, seguindo o roteiro elaborado ou o questionário. É importante salientar que mesmo com a entrevista aberta deve se ter um roteiro ou questionário, para se estabelecer o estímulo e o diálogo, buscando que o entrevistado fale sobre o que se quer saber, mas “Condensa-se condução, por meio de questionários ou perguntas fechadas, em entrevistas de histórias orais de vida.” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.22).

Este trabalho partirá do gênero da história oral de vida, por se tratar de entrevistas com sujeitos que viveram o processo de construção do acampamento, participou do processo de luta e conquista da terra se tornando assim o assentamento que é hoje, dessa forma utilizando de sua memória e experiências vivenciadas.

História oral de vida [...] Trata-se de narrativa com aspiração de longo curso- daí o nome “vida” – e versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas. Trata de um tipo de narração com começo, meio e fim, em que os momentos extremos – origem e atualidade - tendem a ganhar lógica explicativa (MEIHY;RIBEIRO, 2011, p.82).

A memória e a experiência é o motivo principal da história oral de vida, pois ela utiliza dessas experiências, visando que não se busca saber a verdade sobre os fatos, mas sim a versão dos fatos sobre o tema determinado, tendo as perguntas, o roteiro, elaboradas com cuidado, para que as perguntas sejam amplas, funcionando como estímulos, servindo para formar diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, dando liberdade para o entrevistado escolher os fatos e impressões que ele as considera corretas:

A experiência, em sentido amplo, deve ser o motivo das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade, e sim a versão sobre a moral existencial. Nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, funcionar como estímulos, sempre colocadas em grandes blocos, de forma a dar liberdade de escolha dos fatos e impressões (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.83).

O caderno de campo é um dos instrumentos utilizados em história oral, pois é nele que o pesquisador coloca suas observações a respeito das entrevistas e informações do andamento do projeto. “No caderno de campo, colocam-se as observações tanto do andamento do projeto como das entrevistas específicas.” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.132). O caderno de campo é

um elemento de registro que contém a trajetória do trabalho que vai desde a construção do projeto até a finalização do trabalho, se tornando um referencial obrigatório na finalização do trabalho realizado.

No caderno de campo pode-se registrar os problemas encontrados, seja de aceitação da entrevista, ou da aceitação das ideias dos entrevistados, algumas ideias irrelevantes dos entrevistados, dúvidas, curiosidades, qualquer reflexão em relação ao projeto de história oral. “O caderno de campo deve ser íntimo e o acesso a ele deve ser exclusivo de quem dirige as entrevistas” (idem, p.133).

A história oral é dividida em três tipos sendo eles: História oral instrumental, cumpre funções de registros, colhendo as entrevista e passando do oral para o escrito, as colocando em arquivos e a disponibilidade publica, com acordo com acervos feitos entre as parte interessadas; História oral plena que compreende os processos desde a elaboração até a análises das entrevistas realizadas, após realizadas as entrevistas traçam-se análises sobre as mesmas pelas pessoas envolvidas no projeto; História oral híbrida utiliza-se das entrevistas, mesclando as análises realizadas da mesma com documentos existentes sobre o tema. No caso deste trabalho, será do tipo de história oral híbrida, pois utilizarei de documentos existentes sobre o Assentamento Liberdade Camponesa, bem como a análise dos dados das entrevistas realizadas.

A história oral vem sofrendo muitas críticas e transformações nas últimas décadas, principalmente na Inglaterra e na Austrália, tendo os críticos como argumento que ela não é confiável por utilizar da memória humana, muitas dessas críticas existiam pela história oral dar voz a pessoas trabalhadoras, de classe baixa, minoritárias. Como descreve Thomson (1997):

Principal argumento usado por esses críticos era que a memória não é confiável como fonte histórica porque fica distorcida pela deterioração física e pela nostalgia própria da idade avançada, pelas tendências pessoais tanto do entrevistador como do entrevistado e pela influência das versões coletivas e retrospectivas do passado. (THOMSON, 1997, p.51).

Nos primeiros manuais desenvolvidos para história oral, desenvolveram um critério par analisar a confiabilidade da memória, com base na sociologia, e nos documentos históricos textuais, criaram assim regras para a verificação da confiabilidade e verificação das fontes. “O novo critério forneceu indicações claras e úteis sobre como interpretar as reminiscências e como combiná-las com outras fontes históricas para descobrir o que ocorrera no passado” (THOMSON, 1997,p.52).

No entanto, não levavam em consideração a importância da história oral, para além de uma fonte histórica, os valores da memória e do testemunho oral dos sujeitos, a importância dessas histórias para os sujeitos e para a ciência. Não levando em consideração o porquê os sujeitos constroem a memória de maneira específica de cada ser, não enxergando que o processo de afloramento dessas lembranças pode ser a chave para entender como ocorreu este processo histórico, o levando a entender as razões e os sentimentos, os significados adquiridos a experiências vividas pelos sujeitos. Como pode-se observar no texto de Thomson (1997):

(...) a tendência a defender a História Oral e usá-la apenas como outra fonte histórica para descobrir "como aconteceu realmente" levou ao descaso por outros aspectos e valores do testemunho oral. Ao tentarem descobrir uma história isolada, estática e recuperável, alguns historiadores vezes não levavam em conta as várias camadas da memória individual e a pluralidade das versões sobre o passado fornecidas por diferentes narradores. (THOMSON, 1997, p.52).

Meihs e Ribeiro (2011) nos falam que é com a entrevista que o pesquisador encontra o sujeito dono da história, e passa a conhecê-la, pois talvez essa seja a única oportunidade obtida pelo sujeito entrevistado de falar sobre a sua história, de explicá-la: “É na entrevista que o pesquisador encontra o “outro”, sujeito dono de sua história retrçada com lógica própria e submetida às circunstâncias do tempo da entrevista.”(MEIHS; RIBEIRO, 2011, p.22).

Surge, assim, a importância de compreender quem é o entrevistador/ pesquisador e quem é o sujeito entrevistado, no que este sujeito contribui nesta pesquisa. Se faz necessário não colocar nem uma das partes como mais importante do que a outra, pois nem o pesquisador é mais importante do que o entrevistado, como nem o entrevistado é mais importante que o pesquisador, ambos são sujeitos ativos em história oral, unidos pelo propósito de produzir resultados coniventes, afinal o entrevistado doa a suas experiências, memórias, e vivências, em troca do trabalho responsável e ético do pesquisador.

A autoria em história oral é um aspecto muito relevante, pois sempre se tem a dúvida de quem seria o autor, o entrevistado que dialoga sobre suas vivências ou o pesquisador que realiza e comanda o projeto de história oral? Precisamos se atentar a esta questão, pois ela está longe de ser respondida, no entanto o autor seria quem produz e assume a responsabilidade do que foi produzido, juridicamente quem responde pela pesquisa é o seu autor. Meihs e Ribeiro (2011) descrevem: “consagrado juridicamente que o autor é quem promove o projeto, quem assume a responsabilidade de sua condução, é ele que arca com o processo de continuidade da pesquisa até o fim.” (MEIHS; RIBEIRO, 2011, p.25).

Todavia, devemos se atentar aos códigos de conduta e prescrições éticas, tendo cuidados redobrados, afinal estamos falando de histórias de vida, experiências individuais, familiares ou de grupos. “Por tratar de documentação viva, o uso de entrevistas implica cuidados éticos e eles exigem também o compromisso de relações pessoais.” (idem, p.37).

A história oral pode ser com pessoas anônimas, neste caso não colocamos as informações a respeito das pessoas entrevistadas, utilizando nomes fictícios, ou números, devendo nestes casos orientar os leitores quando utilizados números e nomes fictícios. “Nesses casos, também é importante que se tenha autorização do colaborador para publicar o resultado. Da mesma forma, o leitor deve ficar avisado.” (idem, p.116). Dessa maneira alerto que as entrevistas utilizadas no próximo capítulo serão anônimas, desta forma serão utilizados nomes fictícios, para manter preservada a identificação pública dos colaboradores.

A carta de cessão é um documento de autorização do uso de entrevistas para trabalhos, dando legalidade a entrevista. “A carta de cessão é um documento fundamental para definir a legalidade do uso da entrevista.” (idem, p.145).

Toda a entrevista concedida para ser utilizadas tem que se ter a autorização, das pessoas entrevistadas por meio da carta de cessão. Ela pode remeter tanto ao uso da gravação como do texto transcrito. Deve estar claro na carta quais as possibilidades e os limites para os eventuais usos, cabendo ao colaborador especificar os critérios de uso das mesmas. Meihy e Ribeiro (2011) salientam: “Pode-se mesmo dizer que o respeito absoluto a tudo que foi dito e depois autorizado pelo colaborador é fator primordial para o estabelecimento de um texto que reflita a vontade de quem se dispõe a contar.” (idem, p.111).

Ao falarmos em história oral precisa se atentar ao tempo, pois ele é o elemento fundamental da história, e as memórias, pois são através delas que passamos a conhecer a História. Pois é o tempo o escritor, de tudo o que aconteceu e acontece, juntamente com a memória dos sujeitos que são os narradores deste processo histórico: “Cabe lembrar que a memória transmitida pela fala não favorece exatidões de dados quantitativos e nem se pode exigir dessas narrativas a confiabilidade nos detalhes.” (idem, 2011, p.91).

Juntando os dois, tempo e memória, temos poesia pura de vida, histórias de sujeitos, de famílias, de lugares, de cultura, etc. lembranças guardadas na memória, sentimentos vivenciados, com orgulho, ou dor. História é tempo, é passado que precisa ser conhecida, ser lembrado, ser dito, repetido e compartilhado, contada de geração a geração, e a quem a ela quiser escutar. Quem a ela pesquisa, quem a ela interessa, e a ela atribui importância, histórias sociais, culturais, histórias vividas, vivenciada por vários sujeitos, várias famílias, que de

alguma forma a atribui valores diferentes, importâncias diferentes e lembranças. Delgado (2003) afirma:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir.(DELGADO, 2003, p.10).

Para muitos, o tempo é um santo remédio, e a história oral utiliza dos tempos vividos pelos sujeitos para entender, compreender e fazer ciência. Nada melhor do que quem vivenciou o momento, falar sobre ele, como ocorreu, e como foi, através de suas memórias. Já dizia Delgado (2003)“Tempo, memória, espaço e história caminham juntos.”(DELGADO, 2003, p.10).

A história oral trata-se de um encontro, encontro este do pesquisador, com os sujeitos que vivenciaram a história. Os encontros ocorrem entre a história pesquisada, a história vivenciada pelos sujeitos, história está estudada, analisada e assim narrada (idem, p.11).Sujeitos esses que tem papel fundamental na história oral, pois se não fossem, por quem vivenciou momentos históricos compartilhá-los, com os pesquisadores, a maioria das histórias estudadas atualmente, não seriam estudadas, analisadas e tornadas ciências. Os sujeitos que vivenciam tais momentos são os sujeitos construtores de tal história, sendo responsável pelo o que ocorreu, e pela proporção que tomou tal história:

(...) os homens como sujeitos da História e de sua temporalidade podem produzir acontecimentos e mudanças, ou impedi-los de se concretizarem. Podem construir referências ou destruí-las. Podem reafirmar o poder, ou contestá-lo, podem tolher a liberdade do ser ou reafirmá-la.(DELGADO, 2003, p.15).

No caso do Assentamento Liberdade Camponesa, foi graças aos trabalhadores rurais sem terra e suas lutas incansáveis, que tornou deste lugar o Assentamento que é hoje, infelizmente a maioria desses trabalhadores por motivos diversos, não residem mais no assentamento, mas são esses camponeses, esses trabalhadores agora com terra, construtores de suas histórias e da história deste lugar, “Aceitando que todo processo histórico é sempre inacabado, a continuidade que move grupos junta pessoas de interesses comuns e lhes garante personalidade social.” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.46).

História esta que será o foco estudado deste trabalho, afinal ninguém melhor do que quem vivenciou este momento histórico falar sobre ele, “a história oral se faz no presente, com pessoas vivas e, quando motivadas por projetos, atentas à produção de documentos colaborativos.” (idem, p.69).O projeto é essencial em história oral, “pode-se afirmar que sem

projeto não há história oral.” (idem, p.13), sendo o projeto o ponto inicial do trabalho em história oral, delimitando os objetivos do trabalho, e as justificativas do porque a realização do mesmo.

O projeto em história oral é considerado diferente dos demais projetos, por se tratar de materiais com sujeitos vivos, pessoas, tempo e memória, precisando de um planejamento, com articulação, com etapas definidas, tendo a proposta do trabalho bem definida, com os elementos fundamentais para se ter uma boa pesquisa: “Os projetos de história oral diferem dos demais por tratar de matéria que se relaciona a pessoas, seres vivos, alcançáveis, que se valem de narrativas decorrentes da memória que é sempre: dinâmica, variável e, sobretudo seletiva.” (idem, p.69).

A história oral segundo Meihy e Ribeiro (2011) um princípio vital da existência de projetos em história oral, antes de tudo tem que se atentar e buscar responder aos seguintes quesitos: Quando fazer, De quem, Como e Por quê?. Quando fazer o projeto em história oral? Muitos condisseram que a história oral deve ser realizada quando não se tem documentação sobre o assunto, ou como alternativa para dar voz a outras versões sobre o que será estudado, sendo estas duas vertentes que nem sempre dialogam entre si. Meihy e Ribeiro (2011) dizem:

Para alguns se deve fazer história oral em situações em que não há documentos a respeito de algum aspecto a ser estudado. Outros apregoam que história oral se faz como voz alternativa, indicando “outras versões” sobre fatos estabelecidos com alguma garantia histórica. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.29).

De quem? Quem são os sujeitos que serão entrevistados em história oral? Sujeitos que viveram o momento, a história pesquisada, os sujeitos esquecidos e os perpetradores, os dominados e os dominantes, quem valoriza a história e aqueles que viveram e não falam sobre ela. “Não apenas se prezam os projetos que jogam luzes nos ”esquecidos”, mas, idealmente, defende-se que estes apenas serão entendidos se colocados em conjunção com os perpetradores.” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.32)

Como fazer projetos na área? Pergunta importante como as demais para o projeto de história oral. Deve-se delimitar o grupo de colaboradores que iram atuar no projeto, definir os objetivos do projeto e como ocorrera o andamento do projeto. ” “Como” implica de saída definir o estatuto da história oral e ver como se ajustam os processos de entrevistas nas grades de procedimentos operacionais.” (idem, p.34)

Por quê se faz história oral? Por se tratar de histórias de vida, de memórias de sujeitos, tendo sua função social. “a história oral leva o compromisso de registro de situações para consideração social.” (idem, p.37). As entrevistas são divididas em dois processos o oral

realizado através de gravações, e a transformação do oral em escrito. O processo de transformação do oral ocorre em três fases, sendo elas, transcrição; textualização e transcrição.

O primeiro passo é a transcrição, um trabalho muito longo e exaustivo, sendo uma fase importante para a construção e análise da documentação que será escrita. “Comumente, transcrição é o nome dado ao ato de converter o conteúdo gravado na fita em texto escrito.” (idem, p.107).

A transcrição de cada palavra não corresponde à realidade da narrativa, porque nas gravações e nas palavras não demonstram as emoções sentidas, gestos e contextos vivenciados. “É impossível pensar que a mera transcrição traduza tudo que se passou na situação do encontro.” (idem, p.108). A transcrição é utilizada para dar visibilidade ao caso estudado e a história narrada, sendo o responsável pelo mesmo o diretor do projeto.

A segunda etapa é a textualização, na qual são retiradas as questões e colocados o texto como um texto narrativo, permanecendo em primeira pessoa, sendo reorganizado facilitando a leitura do texto. “A textualização é um estágio mais complexo na elaboração do documento em história oral, obedecendo a uma lógica exigida pelo texto escrito.” (idem, p.109).

A terceira e última etapa é a transcrição, este é o momento de acrescentar o extratexto, recriando o texto a partir do contexto em que foi realizada cada entrevista, anotações do caderno de campo e aspectos das vivências na comunidade pode ser citados neste momento, sendo o responsável por esta parte do trabalho o pesquisador. A transcrição “Trata-se da transformação final do oral em escrita, recriando-se a performance da entrevista, procurando trazer ao leitor as sensações provocadas pelo contato.” (idem, p.110).

As entrevistas ocorreram nas residências, de camponeses que residem no Assentamento Liberdade Camponesa, camponeses esses que participaram de forma ativa no processo de construção do acampamento, no processo de luta e conquista da terra.

Lembrando que o objetivo deste trabalho é conhecer como foi o processo de construção do acampamento, as lutas desenvolvidas e a conquista da terra pelos trabalhadores rurais sem terra do movimento social (MST). Desta forma a metodologia escolhida para a realização deste trabalho, não poderia ser outra se não a história oral.

As entrevistas foram realizadas com três camponeses, em suas residências, no dia e hora marcado com eles, de acordo com suas disponibilidades, camponeses esses assentados no Assentamento Liberdade Camponesa, que está localizado no município de Ortigueira-PR.

Como citado anteriormente utilizarei partes das entrevistas desses três camponeses, com nomes fictícios para manter e preservar a integridade dos mesmos.

4. De Acampamento à Assentamento Libertação Camponesa: histórias de vidas dos sujeitos construtores da história

Ao falar de processo histórico nada melhor do que dar voz, aos sujeitos pertencentes a esta história, sujeitos que construíram e viveram este processo histórico desde acampamento ao assentamento. Por este motivo a metodologia escolhida para a elaboração deste trabalho é a história oral, história de vida, dos camponeses que em busca da sua liberdade, dos seus direitos, vem se acampar no Município de Ortigueira, nas fazendas RR, Transparaná e Santa Paula, fazendas de terras griladas de posseiros e safristas, como contado no primeiro capítulo deste trabalho. Bolonhezi (2017) diz: “A história desse território tem início na década de 1990, especificamente no ano de 1996, quando as terras que hoje pertencem às famílias assentadas pertenciam a fazenda RR – Ricardo e Simões, Transparaná e Santa Paula.” (BOLONHEZI, 2017, p.100).

Famílias estas que vieram em busca de condições de vida digna, de terra para produzir, para trabalhar e tirar o sustento de sua família, e em busca de todos os outros direitos que foram e são negados a maioria da população brasileira.

O movimento organizador do acampamento foi o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), os camponeses que deram origem ao acampamento, são provenientes de várias regiões brasileiras, em especial do Estado do Paraná e de São Paulo, cada qual com sua realidade, conhecimento e histórias diferente, como nos conta Alves (2013):

O acampamento foi organizado pelo MST com famílias oriundas das diversas regiões do país, no qual se destaca uma parcela do nordeste especialmente do estado da Bahia, outras do interior de São Paulo principalmente dos municípios de Matão e Araraquara, outras vieram do sudoeste do Paraná principalmente dos municípios de Realeza, Capanema e cidades vizinhas. Muitas outras famílias também foram incluídas neste processo, como os antigos funcionários destas fazendas que tiveram direito em conseguir seu lote (ALVES, 2013, p.41).

Muitas famílias vieram de outros acampamentos para o acampamento⁸ que atualmente é o Assentamento Libertação Camponesa como podemos analisar na entrevista de Joaquim⁹:

Eu residia no Sudoeste do Paraná, no município de Amperia. Fiquei sabendo do acampamento pelo sindicato rural, já estava acampado daí tinha pessoas acampadas que queriam vir para o norte do Estado, diziam que a terra daqui era muito boa, me

⁸ Utilizarei a referência de acampamento, para retratar aonde é o Assentamento Libertação Camponesa, pois os camponeses entrevistados não se recordam do nome dado ao acampamento na época de acampado.

⁹ As entrevistas serão com nomes fictícios para preservar a identificação dos camponeses entrevistados, para preservar a integridade dos mesmos. Sendo as mesmas nomeadas de Joaquim para entrevista concedida em 14/04/2018, Sebastião para entrevista concedida em 19/04/2018 e João para entrevista concedida em 06/05/2018.

falaram do acampamento e eu vim. (Trecho da entrevista de Joaquim concedida em 14/04/2018)

Os demais camponeses eram antigos funcionários da fazenda, residiam nas proximidades do acampamento, bem como dos Municípios vizinhos, como podemos perceber na entrevista de Sebastião “Eu morava na região fui para Londrina e voltei.” (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018). Bem como dirigentes do movimento que residiam em outras localidades como se observa na entrevista de João:

Eu morava em Alvorada do Sul, no acampamento Iraci Salete, hoje assentamento. Fiquei sabendo do acampamento porque fazia parte da direção na época do Movimento sem Terra. (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018)

Como todos os acampamentos, e toda história, ela não surge do nada, tem sempre um motivo, um processo e uma organização por trás, com o acampamento que resulta o atual assentamento não foi diferente, a uma construção, um processo de luta, uma história, que nas entrevistas foram sendo contadas aos poucos, partes desta história, cada camponês entrevistado contava do seu jeito, partindo de suas lembranças:

Nós fizemos um acampamento na época no Município de Tamarana, com 700 famílias, na onde hoje é assentamento também, um assentamento mais antigo de 1996, na serraria, fizemos o acampamento lá, foi nesta época que saiu a negociação desta fazenda. Nós fazíamos parte da direção nós morávamos em Londrina, tinha se uma secretaria em Londrina do Movimento sem Terra, aí o fazendeiro procurou o movimento que tinha está área aqui pra vender pra fazer assentamento. Aqui na verdade não foi uma ocupação, foi uma negociação entre o Movimento sem Terra o INCRA e o proprietário da fazenda. E aí entramos em um acordo com o movimento, o movimento tinha as famílias, o INCRA queria comprar a fazenda se acertaram no preço da terra, e daí a gente só mudemos para cá as famílias, o movimento já tinha as famílias acampadas na serraria, que se deslocaram pra cá em 97, no começo de 97, dando o início do processo para ser assentamento. (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

O assentamento como citado anteriormente, resultou de três fazendas, desta forma no INCRA se tem três matrículas, que originou o Assentamento Libertação Camponesa, sendo dividido em duas áreas denominadas de área um e área dois, que resultou em dois processos diferentes como contados pelos entrevistados:

Acampamos no dia 6 de junho de 1996¹⁰. Aí ficamos acampados, naquele processo de acampamento, a gente foi indo de acampado de acampamentos em acampamentos né. Daí depois nós fizemos uma divisão dentro da fazenda né. No dia 06 de novembro, é 06 de novembro do mesmo ano de 1996 daí a gente entrou na fazenda. Fizemos o acampamento dia 6 de junho dia 6 de novembro viemos para a fazenda, daí a gente entrou aqui. Aqui era para ser 3 áreas, começou com 3 áreas mais uma foi descartada depois que a gente estava assentados, ouve outros acampamentos ali que foram

¹⁰ O acampamento que ocorreu em 1996 foi na Serraria, pertencente ao município de Tamarana, que as famílias fizeram um primeiro acampamento lá, antes de vir para esta área.

também descartados, então resultou em somente duas áreas. (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018).

O que se observar na entrevista citada acima, é que era para ser composta por três áreas, pois realizaram um acampamento na fazenda Fugante, fazenda está próxima ao assentamento, que foi ocupada na mesma época, no entanto a área não foi negociada e as famílias foram despejadas. O mesmo ocorreu com outras duas fazendas nas proximidades do Assentamento Libertação Camponesa, que foram ocupadas pelo MST, anos após a conquista do assentamento, e as famílias acampadas foram despejadas após 8 e 10 anos de ocupação, voltando a ser fazenda estas áreas. Na entrevista do João, o camponês conta como ocorreu a negociação e a divisão das áreas um e dois:

Aqui teve duas áreas de negociação, que é área um e área dois, a área dois faz parte aqui do Cozinhador¹¹, Água Branca, Sede, na área um é a parte daquele estradão que vem de lá e para cá é a área dois. O fazendeiro na época cedeu a área um, acho que veio na época mais ou menos umas cento e poucas famílias né? que veio na área um! Depois daí que entraram em acordo a área dois, daí veio umas duzentas e poucas que veio para essa área dois, mais foram dois processo de negociação. Que hoje é 380 lotes né. Na época também saiu a fazenda Santa Paula e a fazenda Transparaná, que entrou no mesmo bolo de assentamento que é, daí a RR é uma fazenda separada aqui de não estou lembrado se é 3.000 hectare ou 3.000 alqueire, a Santa Paula é uma área de 600 e poucos alqueires e a Tranparana 300 e pouco alqueires se eu não estiver enganado. E entrou tudo no processo de negociação com os proprietários, que era outros proprietários, e saiu tudo na mesma época que ficou o Assentamento Libertação Camponesa em 97 que saiu todas essas áreas mais primeiramente saiu aqui na área um que é aqui o povo daqui aonde é o colégio, que o povo se acampou por ali e lá em baixo na Mangueira, Duas Casinhas. E aí foi assim no processo de 97 a 98 que já foi parte um que saiu primeiro em 97 e 98 já saiu a parte dois que é aonde vocês moram na Água Branca, Cozinhador, Serra do Pinhal foi lá em 98 depois, na segunda etapa de negociação (Trecho da entrevista do João concedida em 06/05/2018).

O Assentamento Libertação Camponesa é composto por 380 lotes que são divididos em oito comunidades “que formam denominadas conforme a atividade exercida anteriormente à implantação do Assentamento, como infraestrutura construída e características do meio natural” (ALVES, 2013, p.10). Os nomes dados as comunidades foram Água Branca, Serra dos Pinhais, Cozinhador, Serra do Laranjal, Sede, Mangueira, Santa Paula e Duas Casinhas.

Os processos de negociações, para as áreas de Reforma Agrária brasileira ocorrem a passos lentos, desta maneira não poderia ser diferente com o Assentamento Libertação Camponesa. Bolonhezi (2017) diz:

¹¹ O Cozinhador é uma comunidade do assentamento, na época de fazenda nesta comunidade eram cozinhada as madeiras utilizadas nas cercas.

Como todo processo que envolve a Reforma Agrária, a história do Libertação Camponesa é uma história marcada por um conflituoso processo de negociação entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, o governo federal e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, órgão responsável pela política agrária e fundiária rural no país. (BOLONHEZI, 2017, p.100).

Com base nas entrevistas realizadas, havia o boato de que as áreas/fazendas já haviam sido negociadas, no entanto as famílias ficaram acampadas de 1997 a 2000, em 1998 saiu os primeiros contratos, em 1999 saiu outra remessa de contratos, e em 2000 saiu os contratos das famílias que estavam acampadas na fazenda Santa Paula, sendo os últimos contratos:

O primeiro pessoal veio da serraria ele se acamparam lá em 1995 e chegaram aqui na RR em janeiro ou fevereiro de 96, esta área é dividida em 2 partes, a parte um que é da sede que vai até a Santa Paula, se deu início de assentamento em 98, daí a parte do Cozinhador e Água Branca já se tornou assentamento depois de junho de 99, mas acamparam em 1997, a gente se acampou aqui em junho de 1997 e da área dois se acamparam em agosto de 1997, daí os demais foram vindo com o tempo, pois não tinha tanta gente acampada para ocupar toda a área, daí foi vindo em remessas, o pessoal da área de vocês¹² a maioria nem passou por processo de acampamento, foram vindo direto para os lotes. O processo de assentamento dá para se dizer que foi de 1998 quando eu assinei o contrato até 2000 que foi a parte da Santa Paula que saiu por último, que deram origem a um assentamento só mas são três matrículas no INCRA, que é a matrícula da fazenda RR, da Transparaná e da Santa Paula. Todas essas fazendas faziam parte da família Simões mas não sei se as fazendas eram todas no nomes deles. (Trecho da entrevista de Joaquim cedida em 14/04/2018).

Segundo Alves (2013) não se tem muitas informações sobre as iniciativas de negociação destas fazendas, que resultaram o Assentamento Libertação Camponesa, se foram por parte da ocupação do MST, do INCRA ou se partiu do próprio fazendeiro. O que alguns assentados dizem, é que não ocorreu resistência ao movimento, pois quando as famílias acamparam nestas terras, havia o boato de que as mesmas já estavam negociadas. (ALVES, 2013, p.39):

Teve-se um processo de negociação, que demorou em torno de um ano mais ou menos, a negociação não foi rápida, porque os fazendeiros tinha muita coisa aqui na fazenda, muito gado, muita coisa, até tirar as coisas, até fazer a limpar na fazenda como diz os outros, demorou tempo, deixa eu ver, nós viemos aqui no comecinho de 97 né, e era cheio de gado ainda, nós viemos morar nessas colônias de casas que tinha aqui, as outras pessoas ficaram acampados mais pra baixo, daí que ele foi tirando o gado, os maquinários, essas coisas, teve o processo de legalização, ele foi no comecinho de 97, que nós entramos na fazenda para se tornar assentamento, foi no final de 97, que o INCRA veio e cortou os sítios, aí teve um processo quase de um ano, deu uns 8 meses mais ou menos para sair os contratos, e o pessoal se espalhar para cima dos sítios sabe. Não foi assim rápido não foi uns 8 meses de organização, de discussão, para fazer o assentamento, o próprio pessoal no caso da Sede, nós mesmo medimos na corda, o INCRA só veio bater os marcos, foi o próprio pessoal que fez a divisão, eles só vieram colocar os marcos nas divisas, daí o pessoal começou a se mudar para cima dos sítios, depois já começou a sair os recursos para a habitação,

¹²Nesta frase o entrevistado faz menção a mim, e a minha família, nós residimos na área dois, na comunidade Água Branca. Lembrando que a minha família comprou o lote, desta forma não participamos do processo de acampamento e conquista da terra.

recurso fomento, essas coisas, no final de 98. (Trecho da entrevista do João concedida em 06/05/2018).

Boa parte das famílias que aqui acamparam, eram famílias ligadas ao MST, ou ao Movimento Sindicalista, anteriormente de se acampar nas fazendas que resultaram o Assentamento Libertação Camponesas. Como nos conta o entrevistado de Joaquim: “Eu participava do MST desde 1987, foi o Sindicato Rural que me apresentou ao movimento.” (Trecho da entrevista de Joaquim cedida em 14/04/2018).

Na entrevista de João o camponês conta um pouco da sua trajetória de vida dentro do MST, que foi o movimento que lutou e conquistou junto com as famílias o Assentamento Libertação Camponesa, camponês este que perpassou por vários acampamentos, por longos anos embaixo da lona preta até conseguir seu pedacinho de chão.

Eu comecei no Movimento Sem Terra me acampe em Mangueirinha em 89, eu morava em Santa Izabel do Oeste fui para o acampamento em Mangueira e de lá que nós viemos para o norte do Paraná em 92, em 92 nós se acampamos na fazenda Ingá que hoje é o assentamento Iraci Salete, em 92 e dali pra cá eu comecei a militar no movimento, era militante do movimento de 92 até 97 eu fui da direção do movimento depois que eu peguei o sítio em 97 aqui que eu parei de militar, participava de algumas reuniões do movimento e tudo mas já não era mais, já não fazia parte da direção e essas coisas sabe. (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

No entanto se teve famílias que não tinham contato com o MST, como é o caso do camponês Sebastião, que nos conta como conheceu o MST e como veio para este acampamento em um trecho de sua entrevista:

Não, eu não fazia parte do MST, eu fazia parte da CPT, (Companhia da Pastoral da Terra) né, depois eu era presidente do bairro da União da Vitória em Londrina, em um manifesto nosso do bairro encontramos o MST, fui convidado e entrei, mas antes não, antes eu só fazia os trabalhos das comunidades eclesiais de base né da CPT e mandava ajuda para os acampamentos, pequenos assentamentos. (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018).

A organização do Acampamento, foi como vemos em todos os acampamentos organizados pelo MST, por brigadas, com os núcleos de bases, equipes de trabalho, mantendo as famílias acampadas em organização, constante formação, e produção, no processo de luta.

A gente éramos divididos, por setores né, tinha os setores da educação; equipe de massa; de saúde; infraestrutura; e outros, e cada setor tinha o seu coordenador, e os coordenadores se reunia para com o povo para dar respaldo aquela área que ele coordenada, depois a gente sentava tudo junto e discutia todas as coisas, os assuntos em comum de todas as brigadas. (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018).

O povo queria terra, queriam produzir, por este motivo eles mesmo dividiram a área, cada brigada dividiu e organizou as famílias na região em que se encontravam, cada família tinha o seu pedaço de terra para produzir, tirar o sustento da sua família.

Éramos organizados por grupos, tinha o grupo da saúde, da infraestrutura, segurança e outros, tinha a equipe da lavoura, a gente trabalhava, plantávamos feijão, milho, arroz, daí haja segurar o povo, o povo queria terra, queria produzir. (Trecho da entrevista de Joaquim cedida em 14/04/2018).

Os diferentes grupos e a origem das famílias acampadas auxiliam nas discussões e conhecimento entre as famílias, que auxiliam no processo de luta do acampamento, a organização do movimento se fez presente no processo de formação dos sujeitos e o entrevistado de João nos conta como ocorreu a divisão e organização dos grupos:

Era grupos de famílias, que formavam o acampamento, a gente dividia em grupos de famílias, tinha a coordenação, escolhia de 10 até 20 famílias nos grupos, e dentro dos grupos escolhia a direção, coordenador, vice coordenador, era tudo em equipes de trabalho, de saúde, infraestrutura dentro dos grupos tudo isso né era escolhido no acampamento, então tinha várias equipes no acampamento, que os grupos escolhiam para fazer a frente do trabalho. Sempre que nós chegávamos a fazer o acampamento, já tinha as equipes, de infraestrutura, que já estavam preparando os barracos, já sabiam aonde tirar as madeiras, as lonas, aonde conseguir lonas, já tinha as equipes formadas no movimento para fazer isso, aí chegava as famílias, sempre tinha grupos que não tinha todas as famílias, as famílias que chegavam eram encaminhadas para estes grupos que não tinham todas as famílias. A gente sempre misturava o pessoal, de diferentes regiões, para ter uma discussão maior, e para o pessoal se conhecer dentro do acampamento mesmo. (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

O acampamento é formado pelas famílias, famílias que lutam pelo acesso à terra, e ensinam seus filhos a lutarem de baixo de uma lona preta, mostrando todas as dificuldades que passaram para conquistar o pedaço de chão para produzir o alimento de cada dia, um lugar onde morar: “Dentro da serraria nós estávamos com 880 famílias daí 486 veio para cá, e as demais foram para outros acampamentos. No dia 6 de janeiro de 1997 fez o acampamento da área dois, ali tinha 400 famílias¹³” (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018). Famílias que se acamparam lutaram e conquistaram, e fizeram e fazem parte da história da construção e da conquista deste assentamento:

No primeiro acampamento tinha 415 famílias na serraria, para cá veio 300 e poucas, depois veio mais famílias, ao todo tínhamos 700 famílias, na realidade não era bem assim, a gente jogada na média que tínhamos 700 mas não era assim, como a média mente para a gente, a gente mente para a média, tínhamos era 500 e poucas famílias e

¹³O número de famílias vai ser relativo, pois em no processo de acampamento vem famílias, outras vão embora, e por se tratar de números e da memória dos entrevistados, o número de famílias vai ser aproximadamente, não tendo exatidão, havendo divergências de uma entrevista para outra.

falávamos que tínhamos 700. (Trecho da entrevista de Joaquim concedida em 14/04/2018).

Famílias estas que por motivos diversos, vieram se acampar e lutar, seja pelas dificuldades encontradas nas cidades como o desemprego, o sonho de ter seu lote, ou até mesmo a falta de oportunidade, famílias que sofreram embaixo da lona, com o frio, fome, falta de conforto, a falta de estradas, entre outras tantas coisas, que se transformaram em forças para que lutassem unidos e juntos conquistaram, o Assentamento Libertação Camponesa, que representam a tão sonhada liberdade destes camponeses sem terra:

A gente vem de uma família pobre, que só sabia trabalhar de arrendatário, em Santa Izabel do Oeste, a gente se criou no Oeste do Paraná, meu pai sempre trabalhando de arrendatário para os outros, criou toda a família, os 7 filhos trabalhando na terra dos outros, é uma região de pequena agricultura e sempre arrendou e trabalhou ali, até meus 19 anos. Os filhos mais velhos, meus irmãos mais velhos foram se formando e indo morar e trabalhar em outros lugares. E eu saí trabalhar de empregado em 88 também já estava completando os 18 anos, então tinha os sindicatos na época que era muito atuante nas cidades pequenas, eram os sindicatos que davam a iniciativa que para ganhar terra era preciso acampar. Fazia dois anos que eu estava trabalhando de empregado, e vim visitar os pais em casa, eles estavam reunindo um grupo de famílias que eram arrendatários que não tinham terra para ir para o sem terras, se acampar que assim conseguia terra. E nisso a gente se organizou e foi tudo, foi a família inteira se acampar, foi eu e mais 4 irmãos mais uma irmã, e dentro daquilo surgiu uma oportunidade aqui no norte do Paraná, que era uma região que tinha muita terra boa, plana, daí a gente resolveu de vir para o norte do Paraná né. Tinha um grupo de famílias que estavam acampados em Mangueirinha que resolveram vir para o norte do Paraná e nós viemos juntos. E daí a necessidade de ter um pedaço de terra que não tinha condições de comprar, a opção era se acampar para ter e a gente foi e graças a Deus deu certo e hoje toda a família conseguiu né os irmãos que veio para o acampamento na época conseguiu pegar seu pedaço de terra. (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

Cada família com sua história, oriundas de diversas regiões, pertencente cada qual a sua realidade, que divergia de cada região, histórias estas que os entrevistados recordam através de suas memórias com imensa satisfação por saber que apesar de muito sofrimento venceram:

O que levou eu e minha família se acampar foi a crise né, não vou dizer que foi a fome, mas chegou um momento que não conseguia manter a família, nem para sobreviver não tínhamos mais, restava ou ir para as favelas e trabalhar nas fabricas, ou se acampar, ou roubar. A terra que eu tinha para plantar era pouca, não dava, eu nunca arrendei terra, e se um dia precisasse eu preferia roubar, se pagar arrendo, morria de fome. Quando a gente viu que o bicho foi pegando, cada vez pior, cada vez pior, em cima da terra que eu tinha para plantar eu não sobrevivia, se eu sozinho não sobrevivia como é que ia sobreviver com a família. Isso não existe, eu plantava em um alqueire e meio, eu fazia duas safras em cima, cuidava bem cuidado para ir sobrevivendo sabe, não faltava comida, eu criava de tudo e plantava de tudo para comer, mais eu não levantava nada, ficava em estaca zero, isso que levou a gente ir para o acampamento. (Trecho da entrevista de Joaquim concedida em 14/04/2018).

O processo de acampamento no Brasil sempre foi longo, no entanto consideramos que o processo deste acampamento foi rápido em vista dos demais que vemos pelo Brasil, por não se ter conflito e a área ter sido negociada antes mesmo de ter as famílias acampadas. “O processo de acampamento durou três anos e meio, foi de 97 a julho de 2000”(Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018). Um dos acontecimentos mais importante que ocorre na saída de acampamento a se tornar assentamento é a divisão e escolha dos lotes, saber aonde será seu pedacinho de chão, a realização de um sonho, saber aonde será constituído seu lar, produzir o sustento da sua família, um lugar para chamar de seu. Os entrevistados nos contaram como ocorreu este processo:

Um pouco foi discutido pela própria comunidade, outros foram sorteio, o pessoal aqui da sede não foi sorteio. O pessoal foram se organizando e cada um foi para o seu canto. Na Mangueira e Duas Casinhas foram sorteio, a Água Branca, e a serra do laranjal conforme foram chegando as famílias iam escolhendo seu lote, nos lotes que não tinha ninguém. O Cozinheiro e Serra dos Pinhais um pouco foi sorteio, outro pouco escolhido pois não tinha pessoas para disputar o local, depois com a medição foram redistribuindo alguns lugares, colocando marco, estabelecendo as divisas. Cada grupo que foi chegando foi montando o acampamento em um local, não foi tudo junto, teve um grupo na Serra dos Pinhais, um aqui na Sede, outro na Santa Paula, outro no Cozinheiro foi assim, daí foi dividido os lotes perto do local que estavam montado o acampamento, teve grupos que fizeram sorteio, outros entraram em um consenso (Trecho da entrevista de Joaquim cedida em 14/04/2018).

Como pode-se perceber, cada brigada acampado nas comunidades, em reunião ou assembleia, discutia e decidia qual seria a melhor maneira de realizar a divisão dos lotes se era por sorteio ou consenso de todos. “A divisão dos lotes ocorreu por sorteio, na maioria dos grupos, foi feito os mapas dos lotes e sorteado, foi assim cada um pegava um número e aquele número era do lote que seria dele.” (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018). E teve comunidades que pela ausência de famílias acampadas as famílias que chegaram escolhia qual seria o seu lote, nos lotes que não tinha famílias:

Aqui como a área era grandona, teve uma parte que foi sorteio, o sorteio entre o grupo que já foram para as comunidades onde que o pessoal já conhecia e tal. E o nosso processo como já era um lugar que a gente conhecia e tal, que veio mais organizado, um grupo que veio da fazenda Ingá, para a Sede, que é uma área de 139 alqueire, então veio um grupo que cabia, de 6 a 7 alqueire para cada família. Então o nosso processo não precisou sorteio nós fizemos a discussão no grupo e cada um, por exemplo o pessoal já estavam plantando no local e nós, mesmo já fizemos, só mudaram algumas coisinhas como o marco no final, acho que éramos 22 ou 18 famílias, então não fizemos sorteio. Eu era casada de novo, aqui tinha um barracam velho, eu e a minha esposa decidimos ficar aqui, e começamos a plantar ali para trás, como já estávamos plantando aqui fiquei por aqui mesmo, aonde cada um estava plantando já pegou seu sitio, agora a maioria dos grupos foram feitos os sorteios. Aqui na sede não precisou foi feita a discussão (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

Feita a divisão dos lotes, teve-se então o momento de transição, a saída das famílias do acampamento para assentamento, no caso de algumas localidades, não se teve esta transição afinal o grupo já tinha feito a divisão dos lotes e cada qual já estava acampamento na onde posteriormente ficaria quando assentado:

O nosso processo não foi tão complicado. Mas teve bastante famílias aqui que desistiram do processo, se você ver aqui lá para as bandas da Santa Paula e Mangueira, era tudo mato isso aqui, só tinha carreador de cavalos. Então muitas famílias que saiu do acampamento quando pegou só mato tinha que fazer picada para entrar nos sítios desistiu, muitas famílias desistiram por causa da dificuldade, mais nós aqui não tivemos muita mudança, nós já pegamos uma frente de terra que já tinha estrada, casa o pessoal nem fez barraco né. Mais a maioria fez a transição teve que fazer picada, teve que ir de cavalo de cargueiro para riba do sitio, então era uma dificuldade muito grande, muitas famílias desistiram, ou pegou passou uma semana passou para outras famílias. Devido a área ser muito grande também, pois aqui são 380 lotes, imagina nesses fundão, da Santa Paula do Rosário era mata fechada, mata pura. Sempre o acampamento é feito no local aonde tem estrada, água, o pessoal já está acostumado em um local mais organizado, daí você sai do seu local e vai para um lugar de mato, muitos desistem na hora de pegar o sitio, aqui aconteceu muito isso, de irem embora, abriram os lotes e passaram para outras famílias, aqui foi muito difícil (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

A transição de acampamento para o assentamento é algo marcante na vida de um sem-terra, saber que é seu o lote, aonde vai construir sua vida, tirar o sustento de sua família, é empolgante, saber que valeu a pena as lutas incansáveis, as noites mal dormidas com medo do despejo, as lágrimas que rolaram, os sofrimentos passados.

Sair da vida de acampamento a vida sofrida, virou assentamento ganhou o sitio, pegou um pouquinho de recurso, começou a trabalhar, a vida começou a melhorar, e bastante, quando você está no acampamento, o que você tem no começo se acaba, a gente fica com o pensamento, será se sai a terra, será que quando vai sair a terra, de repente a mídia anuncia despejo você fica preocupado, você não dorme sossegado, porque um bom militante não pode tirar a botina do pé nem que catinga. Depois que você passa por tudo isso e vai para o assentamento parece tão gostoso, tão bom, tão sossegado, a gente até respira diferente, só que eu não esqueço do sofrimento e nunca irei esquecer, porque quem apanha não esquece, agora quem bate sim (Trecho da entrevista de Joaquim cedida em 14/04/2018).

As crianças que vieram se acampar com os seus pais não poderiam ficar sem educação, e está é uma das preocupações que todo acampamento tem, no caso deste acampamento não foi diferente, se tinha a equipe para pensar a educação e ir atrás das demandas do acampamento em relação a educação.

Na época de acampamento, as famílias foram divididas dentro das áreas, quem estavam perto das casas, utilizavam as casas, como sala de aula né, quem não estavam perto das casas, faziam os barraquinhos de lona e estudava dentro dele, tinha sete escolas. Nesta época eu fazia parte do setor da educação e eu que organizava as escolas. No início não tínhamos nem uma ajuda era tudo por conta dos acampado (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018).

As famílias entrevistadas contam que era muito difícil o acesso à educação, por mais que se tivesse as escolinhas ainda ficavam longe das casas, o transporte que levava a escola da comunidade de Briolândia era cedido pela prefeitura, as estradas tinham um péssimo estado, o que dificultava o acesso à escola quando chovia os alunos não iam a escola, e quando o ônibus quebrava também:

Aqui tinha umas casas que foi formada em escola, mesmo no acampamento, no acampamento a gente sempre tem a equipe da educação que vai atrás da prefeitura, aqui desde o começo teve escola, desde 97, tinha as casinhas da época de fazenda aqui que formava escola, principalmente para o primário, mas teve lugar que foi feito barraco de lona, aonde havia piazzadinha, as famílias que juntavam tinham as escolas. O Pedrinho dava aula para todo canto aqui, no acampamento, sempre tinha pessoas formadas para dar aula, tinha o grupo que ia na prefeitura, desde o início sempre teve aula aqui principalmente de primeira à quarta série. A maioria dos professores era pessoal daqui mesmo, de dentro acampamento que era formado. Até sair essa escola aqui que é recente é dois mil e pouco. Escola estadual já saiu depois de o assentamento formado, tinha a estrutura da fazenda que dava, como ali em cima no barracão mesmo, quantas pessoas não se formou ali (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

Como a demanda era grande, no ano de 2003 veio o ensino fundamental II para dentro do assentamento, que funcionava na estrutura de um barracão da antiga fazenda, depois veio o ensino médio, e foi assim até 2012 quando terminaram a construção do Colégio Estadual aonde funciona a educação municipal também, atendendo a todo acampamento e algumas comunidades vizinhas:

As escolinhas eram distribuídas nas casas da antiga fazenda, tinha o povo que ia na escolinha no sítio do Doca¹⁴, o Pedrinho¹⁵ era a pessoa responsável pelas escolas ele andava de cavalo indo nas escolas. Tinha os professores, e o Pedrinho os auxiliava, quando menos esperava o Pedrinho ia para a escola na Água Branca¹⁶ a cavalo, ia de manhazinha e voltava de tardinha, e tinha a escolinha na Duas Casinhas, na Mangueira, no Cozinhador, isso de primeiro a quarta série, era tudo junto na mesma sala, o professor fazia tudo, limpava, fazia lanche, dava aula. E do estado tinha um ônibus que levava para Briolândia¹⁷ no início era só de manhã e depois começou a levar a noite até o colégio vir para cá acho que em 2003 que foi ali no barracão, primeiro veio de quinto a oitava série e o ensino médio ia para Briolândia, depois veio o ensino médio para cá também (Trecho da entrevista de Joaquim concedida em 14/04/2018).

¹⁴ A escolinha citada é de uma comunidade vizinha ao acampamento, tendo o prédio até hoje, no entanto não atente mais a comunidade.

¹⁵ Pedrinho era o responsável pela educação dentro do acampamento, por ter o magistério, e ter residido em Ortigueira em uma comunidade vizinha ao acampamento, e conhecer pessoas responsáveis pela educação municipal, fazia a frente do setor da educação, fazendo a mediação das necessidades do acampamento para a Secretaria de Educação Municipal.

¹⁶ Todas as comunidades tinham uma escolinha mesmo que improvisada, para que todas as crianças tivessem acesso pelo menos a educação básica.

¹⁷ Briolândia é uma comunidade do Município, que tem cerca de 25km de distância do acampamento, onde as crianças e jovens do ensino fundamental II e ensino médio iam estudar, desde acampamento até o início do assentamento.

A escolha do nome do Assentamento, momento especial onde a liberdade que os camponeses queriam e lutavam por ela, deu-se nome ao assentamento, nome este escolhido por estes camponeses, sendo o nome “Assentamento Libertação Camponesa”:

Foi feita uma assembleia com o povo para a escolha do nome do assentamento, e aí foi dada a sugestão do nome de Libertação Camponesa pelo pessoal, pois o pessoal era da cidade, mais já tinha sido do sítio, era camponês né, aí eles estavam desempregados. Porque Libertação? Quer dizer que eles se libertaram do desemprego para ter sua terra própria (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018).

Nome escolhido que retrata a liberdade, liberdade adquirida pelos camponeses quando assentados, depois de longo processo de luta e sofrimentos, então veio a tão sonhada conquista, a terra, o seu lote, um lugar para chamar de seu:

A escolha do nome foi dentro das famílias, o pessoal da região aqui sempre sonhou em ter uma liberdade. Como nós erramos setecentas e poucas famílias acampadas, o pessoal sonhava em ter uma liberdade e dentro desta liberdade surgiu o nome de Libertação Camponesa. Foi onde saiu quando os grupos de famílias vieram para cá, começou a discussão entre os grupos e coordenadores sobre qual seria o nome do assentamento. Aí o pessoal aceitou que fosse Libertação Camponesa o nome do Assentamento e deu certo (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

Cada família atribuiu um significado, uma importância diferente, a cada momento vivido, a cada processo de luta, e assim a cada conquista realizada. Por este motivo queremos saber qual é a importância do assentamento para as famílias entrevistadas:

A importância é grande né, porque você está desempregado, você não tem como tratar da família, tem que viver de diária, daí acha hoje, no outro dia já não acha. Depois você vai para um acampamento, você começa a plantar, a produzir, começa a ter alimentos para você e sua família para a subsistência, é muito grande a importância (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018).

Sem sombra de dúvidas a importância do assentamento é imensa, não somente para as famílias que foram acampadas e conquistaram a terra, como também para as famílias que compraram o direito a ela. Estamos falando de sonhos, sonhos de muitas pessoas, sonho de todo acampado, sonho de 380 famílias, que com este assentamento foi realizado.

A importância é muita, é um sonho meu e da minha família, de muitas pessoas, ter um pedaço de terra, meu pai sempre trabalhou e só depois de velho de cinquenta e poucos anos conseguiu um pedaço de terra que era dele. Então mudou totalmente a vida da gente, a gente veio de uma vida de necessidades, sempre trabalhou para os outros, e depois a gente ter aquele negócio que é da gente, a gente mandar e fazer o que quer em cima criar o que queria, então mudou 100% da vida da gente. É de uma importância imensa graças a Deus, meus pais morreram ali, pegaram o sítio, morreram a mais de 10, 12 anos, mais cumpriram aquele objetivo de ter o seu pedaço de terra, foi ele o meu pai que começou a luta lá em 86-87 se organizando pelo sindicato e ele tomou a iniciativa e deu certo, conseguiu pegar terra aqui eu, meu pai, minha irmã, meu irmão, daí depois em outros assentamentos fora mais irmãos que pegaram, que

estavam trabalhando para os outros, vieram se acamparam e pegaram terra. Mudou totalmente a vida da gente, hoje eu me sinto feliz aqui, que a gente está conseguindo criar a família, conseguindo sobreviver então mudou, foi uma importância de 100% a gente que não tinha nada agora estamos aqui sobrevivendo do que é da gente (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

A conquista não é somente familiar, e sim de todos, de todos do MST, de todos acampados, de todos que lutam pela reforma agrária brasileira, de todos que ajudaram de alguma maneira o acampamento e as famílias acampadas. Como diz o entrevistado Joaquim “é uma vitória”:

Para mim foi uma vitória, uma coisa que eu defendia e defendo, e na minha visão, e que pode entra Pedro, Bastião e quem quiser no poder, mas o Brasil tem que passar por uma Reforma Agrária, tem que colocar o povo no campo, tirar o povo daquela miséria, e pôr no campo, pelo menos aqui na roça ninguém vai passar fome. Para mim e para a minha família foi muito importante, estamos aqui assentados e tranquilos, minha vitória, e não só para mim como para a maioria do povo, se o povo não viesse acampar aqui, se não fosse assentamento o povo que comprou lote não teria comprado, pois o fazendeiro não vende cinco alqueiro para um, cinco para o outro, ele só vende toda a área. Eu semi analfabeto, minha escolaridade é pouca, o que eu tenho é instrução, o que aprendi junto com o Movimento Sem Terra, o que se aprende em baixo de uma lona preta vale quase como uma faculdade, a gente aprende muita coisa (Trecho da entrevista de Joaquim cedida em 14/04/2018).

Ao se falar em conquista enquanto assentado, cada assentado dá ênfase a sua conquista, que é a mesma de todos assentados, que só se conseguiu por meio da luta, não somente da luta dos acampados no Município de Ortigueira, mas, de todos os acampados no Estado do Paraná e em todos os Estados brasileiros:

A gente ficou 10 anos acampados, a gente foi para o acampamento em 89, e saber que o meu sitio seria aqui foi em 99, porque foi redistribuído na época, até que falaram este sitio aqui é de vocês. Foram 10 anos que a gente ficou embaixo de lona, com ordem de despejo, de um acampamento para o outro, e quando a gente veio para cá já ficamos em uma casa, com energia elétrica, água encanada. A maior conquista foi o lote, sabíamos que ele era nosso, que ninguém ia tirar, aqui deu para começar a construir a vida. (Trecho da entrevista de Joaquim cedida em 14/04/2018).

A maior conquista de um sem terra não poderia ser outra se não o seu pedaço de chão, sua terra, uma conquista que só foi possível realizar graças as lutas incansáveis do Movimento Sem Terra, e da organização do mesmo.

Minha conquista foi pegar o sitio, construir uma família e estar vivendo em cima daquilo que a gente conquistou que é a terra. Dentro disso a gente conquistou muita coisa, mais não sozinhos, com a organização, a escola que se você olhar em relação as escolas do estado do Paraná é uma escola de primeiro mundo, que você se formou minha filha está se formando, muitas crianças, que eu conheci crianças estão formados, estão trabalhando fora ou estão trabalhando aqui. Então foi assim sabe uma conquista muito grande se a gente ver o Município cresceu, aqui era boi e um dois cuidava da boiada, hoje não, hoje convive aqui 380 famílias que se dá muitas mais de 2.000 pessoas que convivem nessa região, tem as comunidades. Mas a maior para mim e para a minha família foi de conquistar o sitio a primeira coisa, e a gente conseguiu

sobreviver e sobrevivemos até hoje em cima do sitio que é nosso.(Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018)

A família conquista junto, é uma realização familiar, pois desde pequenos os filhos de acampados, estão acampados juntos com os pais, aprendendo, se organizando, trabalhando e lutando juntos.

A maior conquista foi o lote, ter a família junto, sem precisar sair para fora, é depois que cresceram que saíram né. Ter visto que rendeu frutos; que hoje a gente tem uma escola; que hoje aqui um grande pessoal sobrevivendo dos lotes, e mesmo que hoje a maioria não é mais aquele assentado do início, que é reassentado (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018).

Sem dúvidas não é somente conquistas na vida dos acampados se tem também as dificuldades que não são poucas. Como nos conta o entrevistado Sebastião: “As dificuldades são diversas, a falta de escola, falta de estrutura, falta de saúde, estradas.”(Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018). Dificuldades essas que não são somente encontradas em um acampamento, sendo comum em todas as comunidades rurais dos pequenos Municípios:

Eu acho que a maior dificuldade que teve, era você conseguir sair para fora, recursos e essas coisas, conquistar os recursos que tinha, muitas vezes eu fui para Ortigueira em cima de uma picape, o seu Manezinho, ele tinha uma C10 muitas vezes ele levava nós para Ortigueira era a gás e caía nos buracos ia 15- 20 homens pegava e levantava, levava erguida a caminhoneta, no meio da estrada para consegui chegar até na cidade e voltar. Uma necessidade grande que se teve aqui foi conquistar os recursos, demorou a vir os recursos, e depois acho que o primeiro recurso veio depois de dois anos que começou a vir através do INCRA e dos bancos, não tínhamos recursos próprio então foi uma das conquistas difíceis, vir o recurso para o pessoal se manter, se desenvolver em cima do sitio. E a perda de entes queridos da gente, a gente fica meio aéreo quando acontece esses negócios, a gente vem sempre unido com a família daí vem as percas, a gente fica até com vontade, pensamento de ir embora, ir morar em outro local, mais o pai e a mãe sempre falavam que isso aí é coisa que acontece e todos nós temos que estar preparados para isso com fé em Deus, superamos tudo(Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

Dificuldades estas que não são encontradas somente aqui no acampamento e no início de assentamento, mas, sim da maioria dos acampamentos, assentamento e áreas rurais do Brasil.O laço do assentamento com o MST, já não é tão forte, como foi no processo de acampamento, no entanto ao indagar se os sujeitos se consideram pertencentes ao MST a resposta foi que sim:

Eu me considero sim, sempre! Tudo o que tenho, tudo que conquistei até hoje foi através do MST.Eu não sou aqueles de mandam em mim, isso não, mais qualquer ação do movimento eu sempre apoio, se eu puder participar eu vou participar, sempre estou conversando com os meus colegas da direção do movimento hoje, que estão na luta ainda. Mais tudo que eu conquistei até hoje foi através do Movimento Sem Terra,

através da organização, eu me considero dentro do movimento e um membro do movimento (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

O Assentamento Libertação Camponesa, não tem tanto acesso com o movimento, perdendo a identidade de um assentamento do MST, conquistado e organizado por meio das lutas do movimento. Ao perguntar aos entrevistados o que acarretou a perda da identidade do MST no assentamento as respostas foram:

As barras políticas né, a política da prefeitura, política estadual, política federal, é que fez com que foram criando as associações, e essas associações, foram ensinando os povos a venderem seus lotes, e se desligando do MST e aí houve muitas lutas muitas questões, mais é geralmente a parte política né. Eu considero isso como ponto negativo, porque as políticas interferem na vida da pessoa, e não dão respaldo, interferem na organização, desorganizam a estrutura e não dão respaldo para a estrutura (Trecho da entrevista de Sebastião concedida em 19/04/2018).

Em todas as entrevistas realizadas, os camponeses entrevistados viram a política e a criação das associações¹⁸ dentro do assentamento como causador da perda da identidade do movimento:

Foi a associação, quando teve as dificuldades que eu falei de início do Assentamento, teve muitas pessoas que vieram para se aproveitar pegaram os sítios e não tinham o conhecimento de luta, hoje aqui se você ver dentro do assentamento não tem 20% das famílias que pegaram o sítio acampados através do INCRA, de 380 lotes não tem 20%, isso aí não dá 80 famílias, dá para contar nos dedos. A maioria aqui comprou o sítio que vieram de outras regiões, pessoal bom trabalhador, tem muitas famílias, mas não tem o conhecimento pois não passou pelo processo de organização, nesta perda de identidade do movimento aqui dentro teve várias pessoas que se aproveitou, formaram as associações e o INCRA ele legalizou isso, teve época aqui que se teve 7 associações aqui dentro do assentamento e os presidentes ele pôs exclusivos para legalizar as vendas dos sítios, vendas dos lotes. Então o que terminou a perda da identidade foi isso, porque o movimento é contra a venda de sítio, pode até fazer a troca de lotes o movimento, aceita, agora vender não, muita gente daqui estão nas favelas de novo, as pessoas que venderam o sítio não tem nada, ou estão acampados de volta! Mas, o que determinou isso foi o INCRA, que é culpado por isso, que legalizavam isso, e os presidentes, que vinham, não tinham conhecimento nem um, compravam legalizavam e estão aí, teve época que o movimento não podia fazer discussão, teve gente executada aqui, dentro de casa, mais hoje não, boa parte do pessoal que está aqui são trabalhador, entende e viu que o movimento está aqui para ajudar. Não tem nem uma associação aqui hoje que funcione hoje. Teve presidente aqui que teve que vazar embora que só fez cagada e se aproveitava das famílias (Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018).

Outra problemática foi a venda de lotes, ação comum até os dias atuais dentro do assentamento, como citado anteriormente por um entrevistado camponês, atualmente não se tem nem 20%, das famílias que conquistaram o lote através do processo de acampamento, no entanto os assentados não veem isso como ponto negativo, afinal veio camponeses com

¹⁸ Os camponeses assentados viram as associações como uma das principais causas da perda de identidade do assentamento porque elas permitiram a venda de lotes, desta forma vieram novas famílias oriundas de outras regiões com outra realidade, pessoas estas que desconhecem a história de luta e conquista do Assentamento Libertação Camponesa.

vínculo com a terra, e que somente tiveram acesso a ela por meio da comprar em área de assentamento pelo baixo preço:

A criação de associações, o movimento é contra a venda de lotes, daí criaram as associações, que permite a venda de lotes, e ganham propina. Começou um atrito, uma divisão, veio gente que não é do MST e começa a fazer a cabeça das outras pessoas, eu sei disso pois eu trabalhava na organização. É muito mais fácil iludir, do que ajudar a pessoa a ter uma formação, isso que se criou, e foi em todo o país, não foi só aqui. E também o tipo de pessoas, que vestem a camisa e dizem eu sou do MST, mais na verdade são trairá, isso existiu, a gente tinha que tomar cuidado, íamos para o livro negro, e colocávamos este nunca mais. A pessoa entra em um acampamento e começa a se politizar, a se criar como sujeito, aparece o dinheiro e a pessoa começa a se distanciar, e quando você ver, ele voltou a ser sem-terra de novo. Tem pessoas daqui que eu conheço, que foram assentadas aqui, venderam o lote e estão hoje em outro acampamento. O que eu vejo aqui é que como foi de 97 a 2000, que as famílias estavam nos lotes e não saiam o contrato, como demorou perdeu-se a organização dos grupos, antes mesmo de ser assentados tinha gente que falava que ia vender, a partir do momento que se pega o sitio, você quer produzir o seu, você passa a ser individual, quando está todo mundo igual, as pessoas tem mais união, a partir que se começa a desenvolver ele quer que o outro fique para trás, e eu cresça, incrivelmente a sociedade brasileira vive nesta forma, é o modelo capitalista, um querendo comer o outro. Com a vinda de novas pessoas para cá, veio uma pessoa crua sem conhecimento do MST. E ao mesmo tempo uma condição de vida um pouquinho melhor, outra parte é quando se tornou assentamento aqui e as pessoas não passaram pelo processo de luta, elas não criaram a identidade de sem-terra, então muita gente se negava a ser sem-terra, aqui dentro do acampamento, e tem vergonha de ser sem-terra, isso ajudou a se distanciar, as pessoas não queriam se envolver. Pois o MST é lançado pelas mídias, que o veem como uma quadrilha, ladrões de terra (Trecho da entrevista de Joaquim concedida em 14/04/2018).

Perdas esta que não acarretaram somente a perda da identidade, como também a história do assentamento, dos aspectos, das lutas e da organização adquirida e aprendida com o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. “Ficou muita pouca gente antiga aqui dentro, o pessoal novo não sabe a história, da onde, porque veio, como ocorreu, perdeu-se a história a identidade, o que casou foi a venda de lote, e o INCRA apoiando a venda”(Trecho da entrevista de João concedida em 06/05/2018). E foi assim, segundo as entrevistas, a história do Assentamento Liberdade Camponesa, ou parte dela, afinal a memória, não recorda todas as lembranças, as coisas perdidas no espaço do tempo, na construção da memória e nas lembranças guardadas. Os sentimentos vivenciados, a conquista do sonho e aluta para alcança-lo, são coisas que já mais serão esquecidas por quem viveu. Os anos que vão passando, as novas conquistas, já mais serão esquecidas e só vem a acrescentar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de municipalização e territorialização do Município de Ortigueira, é marcado desde seu primórdio, pela grilagem de terras, dos safristas, posseiros e indígenas, resultando em grande concentração de terra, se tornando fazendas, muitas existentes até a atualidade. Esse processo não ocorreu somente em Ortigueira, como também em muitos municípios do estado, principalmente municípios localizados ao norte paranaense, pelo baixo preço cobrado pela terra. Terra está que virou mercadoria no sistema capitalista, que somente quem tem dinheiro pode comprá-la.

Três fazendas, nestas condições resultaram no Assentamento Libertação Camponesa, que foi organizado, ocupado e conquistado pela luta das famílias pertencentes ao MST, movimento que luta pela Reforma Agrária brasileira, formados por camponeses Sem Terra. Assentamento este que é o objeto de pesquisa deste trabalho, por meio da história oral, onde as famílias que participaram do processo de acampamento contaram como foi a sua história de vida. A metodologia deste trabalho não poderia ser outra senão a história oral. Se faz preciso dar voz as pessoas construtoras e pertencentes a história, eles melhor que ninguém, sabem o que ocorreu desde o início do acampamento até se torna o Assentamento Libertação Camponesa.

Famílias estas sem terras, que acamparam em 1997 nas áreas destas três fazendas, fazendas de terras griladas, que estes camponeses ficaram em processo de luta até o ano 2000, com a esperança de que iriam conseguir realizar o sonho de todo Sem Terras, sonho este que é o acesso à terra, e que em nosso país só é conquistado a base de lutas incansáveis, organizadas por vários movimentos, que levam as famílias Sem Terra a se acampar. E foi assim, que ocorreu, com o Assentamento Libertação Camponesa, cujo famílias sem-terra acamparam, e conquistaram com muita luta, sacrifícios e união das famílias sem-terra, que encontraram está como única forma de superar o desemprego, e até mesmo a fome.

Famílias estas oriundas de diversas regiões do Brasil, que encontraram no município de Ortigueira a oportunidade de ter o seu pedaço de chão. Muitas dessas famílias não permanecem mais no assentamento, por motivos diversos. Mas, com certeza, essas famílias jamais esqueceram das lutas, dos sofrimentos e da conquista que tiveram. Os camponeses, contam suas histórias, buscando na memória, os momentos vivenciados, lembranças essas que são movidas pelos sentimentos, sentimentos vivenciados na pele, que hoje são lembranças superadas pela vitória.

O sonho de 380 famílias foi realizado, com a conquista do Assentamento Libertação Camponesa, e já mais será esquecido por estas famílias. No entanto, a conquista não foi somente graças as famílias acampadas, como também graças as famílias acampadas, assentadas em todo o território brasileiro que lutaram, lutam e lutaram pela mesma causa, pelos mesmos direitos. Essa luta vai além do Assentamento Libertação Camponesa. Essa luta é pertencente a todo camponês, a todos os trabalhadores, e está longe de ser vencida. A cada acampamento conquistado um passo dado a Reforma Agrária brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José. **A dinâmica agrária do município de Ortigueira (PR) e a reprodução social dos produtores familiares: uma análise das comunidades rurais de pinhalzinho e vila rica**. 2004. 316 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

ALVES, Pérola Cristina Farias. **Problemas e Desafios da Comunidade Cozinheiro do Assentamento Liberdade Camponesa, Ortigueira-PR**. 2013. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni. **A educação do campo como projeto político e prática social: o caso do colégio estadual do campo Izaías Rafael da Silva**. 2017. 195 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM – 2017: anotações sobre o desempenho do Paraná. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=84350>. Acesso em: 18 jun. 2017.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Paraná. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/noticias/audiencia-publica-define-compra-de-nova-area-para-reforma-agraria-no-parana>. Acesso em: 28 set. 2017.

ORTIGUEIRA [Site da Prefeitura Municipal de Ortigueira]. Disponível em <http://www.ortigueira.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1638>. Acesso em: 28 set. 2017

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 6, p.9-25, jun. 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B. RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

APÊNDICE

Roteiro das Entrevistas

Nome: _____ Data: / /

Idade:

Naturalidade:

- 1) Aonde o senhor (a) residia antes de vir para este acampamento?
- 2) Como ficou sabendo do mesmo?
- 3) Como ocorreu o processo de construção do acampamento, e o processo de luta até a conquista da terra?
- 4) Como era o nome do acampamento e como foi realizado a escolha do mesmo?
- 5) Quantos acampamentos foram-se até se originalizar o Assentamento Liberdade Camponesa?
- 6) O senhor (a) já participava do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) antes de se acampar aqui no atual Assentamento Liberdade Camponesa?
- 7) Como foi a organização do acampamento?
- 8) Qual era o número de famílias que eram acampadas?
- 9) Qual foi o motivo que levou a sua família se acampar?
- 10) Quanto tempo durou o processo de acampamento, até se tornar o assentamento?
- 11) Como se procedeu a escolha dos lotes?
- 12) Como foi a transição de acampamento para assentamento?
- 13) Aonde os alunos estudavam na época de acampamento e no início de assentamento?
- 14) Como se procedeu a escolha do nome do assentamento?
- 15) Para você e sua família qual é a importância do assentamento?
- 16) Qual foi a sua maior conquista enquanto assentado?
- 17) Qual foi a maior dificuldade encontrada neste processo?
- 18) Você se considera sujeito pertencente ao MST?
- 19) O que acarretou a perda da identidade do MST no assentamento?
- 20) O que causou a perda dos aspectos históricos do assentamento, enquanto processo de conquista e de luta?

ANEXO**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL**

Eu, _____, nascido(a) em ____/____/_____,
RG _____, morador em _____, declaro ceder à
Graziele Eduardo Nascimento Silva, brasileira, solteira, RG 13.305259-3, acadêmica do Curso de
Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas na Universidade
Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Laranjeiras do Sul - PR, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento oral (gravação oral e transcrição) de caráter
científico e documental prestado no dia ____ de _____ de dois mil e dezoito. O
depoimento será utilizado na pesquisa de Conclusão de Curso - TCC, de caráter científico. A
acadêmica acima nominada fica consequentemente autorizada a utilizar e publicar, para fins
científicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a ressalva de sua
integridade e indicação de fonte e autor.

_____, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do (a) entrevistado (a)